



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA-UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH - CAMPUS VI
LETRAS, LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

ELAINE DOS SANTOS CARNEIRO

**A EDUCAÇÃO BRASILEIRA NA PANDEMIA:
REPRESENTAÇÕES DO DISCURSO MIDIÁTICO**

CAETITÉ
2022

ELAINE DOS SANTOS CARNEIRO

**A EDUCAÇÃO BRASILEIRA NA PANDEMIA:
REPRESENTAÇÕES DO DISCURSO MIDIÁTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências Humanas – DCH Campus VI da Universidade do Estado da Bahia- UNEB, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientadora: Dr^a. Mirian Ribeiro de Oliveira

A Deus pelo dom da vida e pela graça da realização desse sonho.

Aos meus pais: Luziene Rosa e Etelvino Carneiro (in memoriam) pelo incentivo, amor, dedicação. Ao meu irmão pelo carinho e apoio incondicional. Sem vocês eu nada seria.

**“Porque Dele e por Ele, e para Ele, são todas as coisas;
glória, pois, a Ele eternamente. Amém”.**

(Romanos 11:36)

RESUMO: Objetiva-se, nesta pesquisa, realizar o estudo das projeções imaginário-simbólicas presentes nos discursos midiáticos acerca dos professores e professoras e da educação brasileira no período pandêmico, assim como analisar esses discursos que circulam na mídia, partindo de um pressuposto que os sujeitos são interpelados pela ideologia. Para tanto, o seguinte questionamento norteou o desenvolvimento deste estudo: que representações simbólico-imaginárias foram construídas pelo discurso midiático acerca dos professores (as) da educação brasileira no período pandêmico? Para desenvolvermos este estudo, o aporte teórico e as análises estão fundamentadas na Análise do Discurso (AD). Considerando esta linha de pesquisa, os conceitos de discursos e ideologia serão tratados sob à luz de: Pêcheux (1997), Henry (1997), Orlandi (2005), Fernandes (2007). Além dessas concepções: Gregolin (2007), Kellner (2004) serão o aporte para o tratamento de mídia e discurso midiático. Quanto ao cenário educacional pandêmico: Silva (2008), Ministério da Educação (2020), Saviani e Galvão (2021) e Unesco (2021). Quanto à metodologia, o *corpus* deste estudo constituiu-se a partir dos recortes de enunciados e notícias que circularam na mídia, entre o segundo semestre de 2020 e o segundo semestre de 2021. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, que passa a adotar uma investigação teórica, analítica e interpretativa. O estudo buscou compreender os elementos discursivos na mídia e como esses elementos contribuíram para a construção de sentidos, assim a partir dos resultados obtidos na nossa investigação, constatamos que as projeções imaginárias simbólicas apontam os professores(as) como preguiçosos, omissos, irresponsáveis e como a educação brasileira recebeu o status de má qualidade durante período pandêmico.

Palavras-chave: Discurso midiático. Educação. Pandemia. Projeções imaginárias.

LISTA DE FIGURA

Figura 1: Notícia - Bolsonaro ataca professores e diz que eles não querem trabalhar	26
Figura 2: Notícia - 'Só o professor não quer trabalhar na pandemia', diz Ricardo Barros.....	38
Figura 3: Notícia - Educação brasileira está em último lugar em ranking de competitividade	41

LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

AD	Anlise do Discurso
FD	Formacoes Discursivas
FI	Formacoes Ideolgicas
MEC	Ministrio da Educao
OCDE	Organizao para a Cooperao e Desenvolvimento Econmico
OMS	Organizao Mundial da Sade
Pisa	Programa Internacional de Avaliao de Alunos
SDs	Sequncias Discursivas
UNESCO	Organizao das Naoes Unidas para a Educao, Cincia e Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1.1 Metodologia	11
1.2 Revisão Sistemática	12
2.ANÁLISE DO DISCURSO: UM BREVE PERCURSO DA HISTORICIDADE POLÍTICO-IDEOLÓGICA	15
2.1 Ideologia	20
2.2 Formações Discursivas (FD) e Formações Ideológicas (FI)	22
2.3 Efeitos de Sentido	24
3. CONDIÇÕES HISTÓRICO-POLÍTICAS DA PANDEMIADA DE COVID-19	28
3.1 Educação e Pandemia: tensões e conflitos	28
3.2 O Discurso Midiático	31
4. PROJEÇÕES IMAGINÁRIAS	34
4.1 Imagem Professoral e Pandemia	35
CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS	44
REFERÊNCIAS	46
ANEXOS	50

Introdução

O ano de 2020 parecia ser um ano melhor que o anterior, mas, logo no primeiro trimestre do citado ano, confirmou-se os indícios de uma doença que nos levou a um período inimaginável, por boa parte da população mundial, uma pandemia em escala global. O vírus Sars-CoV-2, popularmente denominado novo coronavírus, chegou impactando a todos e após 28 meses do anúncio oficial, do estado de pandemia da covid-19, nossas vidas e rotinas não são as mesmas de antes, e ainda seguimos contabilizando as consequências.

Na educação brasileira, a covid-19 chegou e impediu dezenas de milhares de alunos e professores de frequentarem as escolas. Mudou a forma de ensino do presencial para o remoto, ou seja, a escola foi parar nas casas dos alunos e professores, mas apenas uma parcela dos discentes tiveram a oportunidade do acesso a esse ensino, acarretando perdas e rastros que podem permanecer por mais alguns anos no cenário educacional do Brasil.

Reflexões e apontamentos sobre a educação brasileira sempre estiveram em pauta na mídia, mas, diante do cenário pandêmico com escolas fechadas, a temática escolar, o papel da educação e dos professores (as) esteve em voga nos meios midiáticos. Cabe ressaltar a importância da mídia no processo de informação, mas será que temos a dimensão do quanto os discursos midiáticos são repletos de efeitos de sentidos?

A partir de observações durante este período pandêmico, surgiram inquietações e reflexões sobre a abordagem de instituições midiáticas e os efeitos de sentido que são disseminados, pois não é raro chegar ao nosso conhecimento discursos pejorativos sobre a qualidade da educação brasileira e acerca da posição do professor, seja estes para ressaltar a sua importância e até mesmo questionar o seu fazer metodológico. Discursos com este teor circulam por toda mídia e os sujeitos enunciadore pertencem as mais diversas classes e posições sociais.

Por conta destes discursos, atrelados de ideologias, de efeitos de sentidos e das imagens que os sujeitos estabelecem de si e do outro, são forjadas as representações imaginárias do(a) professor(a) e da educação brasileira. Assim, surgiu o interesse para desenvolver esta pesquisa, diante dos aspectos anteriormente relatados, a curiosidade e o espírito investigador. Considerando as assertivas anteriores, o seguinte questionamento norteou o desenvolvimento deste estudo: que representações simbólico-imaginárias foram construídas pelo discurso midiático acerca dos professores(as) e da educação brasileira no período pandêmico? Para este questionamento, levantamos a seguinte hipótese: os sentidos atribuídos aos professores e professoras no período pandêmico foram projetados de maneira negativa mediante enunciados pejorativos que os caracterizam à condição de sujeitos preguiçosos e de que são agenciadores

de má fé. Dessa forma, o enunciado “fique em casa” se metaforizam ao equivalente “tô ganhado no mole”.

Considerando o questionamento inicial, objetiva-se, neste estudo, analisar as projeções imaginário-simbólicas construídas no período pandêmico acerca dos professores e professoras e da educação brasileira nos discursos midiáticos.

O aporte teórico e as análises estão fundamentadas na Análise do Discurso (AD). Considerando esta linha de pesquisa, os conceitos de discursos e ideologia serão tratados sob à luz de: Pêcheux (1997), Henry (1997), Orlandi (2005), Fernandes (2007). Para o tratamento de mídia e o discurso midiático, tomamos como referência os estudos de Dias (2018), Gregolin (2007) e Kellner (2004). Quanto ao cenário educacional no período pandêmico: Silva (2008), Ministério da Educação (2020), Saviani e Galvão (2021), Unesco (2021).

Além desta introdução e considerações provisórias, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) se estrutura contando com mais três capítulos: no segundo, discorremos sobre o aporte teórico basilar para este estudo, a teoria da Análise do Discurso (AD) e seus apontamentos históricos, ainda delineamos sobre ideologia e abordamos os conceitos de formações discursivas (FD) e formações ideológicas (FI), assim como os efeitos de sentido. No terceiro capítulo, abordamos o cenário educacional a partir da pandemia de Covid-19 e desenvolvemos sobre o conceito do discurso midiático. O quarto capítulo, com enfoque nas projeções imaginárias, apresentamos a imagem do professor e professora na pandemia. Por fim, teceremos as nossas considerações finais, apresentando os resultados alcançados durante este estudo. Ressalva-se, ademais, que as materialidades discursivas foram analisadas junto ao aporte teórico, visto que buscamos dialogar com a teoria da AD. Todavia, a ênfase da referida análise se encontra no capítulo que se refere à imagem projetada em torno do (a) professor (a), bem como do contexto educacional brasileiro, mais precisamente da educação.

Convém lembrar, ainda, que destacamos a parte que se refere à metodologia, como parte desta introdução, visto que não há um consenso nesta universidade acerca do tratamento que deve ser dispensado a esta parte elementar do texto de TCC. Dessa forma, preferimos adotar este critério, inclusive evocando a revisão sistemática, para que os sujeitos leitores deste texto possam entender não só os critérios que adotamos, como a trajetória trilhada até aqui, sempre com o olhar nos recortes a serem feitos, no que se refere à teoria e materialidades possíveis de serem coletadas e analisadas, nomeadas também como sequências discursivas (SDs).

1.1 Metodologia

Este estudo se configura como uma pesquisa de cunho qualitativo, que passa a adotar uma investigação teórica, analítica e interpretativa, para tanto a metodologia aplicada tem como base a Análise do Discurso, de linha francesa (AD), visto que oferece elementos teóricos e metodológicos para a análise dos recortes da pesquisa.

O *corpus* do nosso estudo foi constituído a partir dos recortes de enunciados e notícias que circularam na mídia jornalística e redes sociais, entre o segundo semestre de 2020 e o primeiro semestre de 2021, do período pandêmico. Para esta organização, coletamos recortes de falas, enunciados, extraídos de comentários do *Facebook*, *YouTube* e plataformas de notícias. Estes enunciados são reações, efeitos de sentido causados a partir do discurso de Jair Bolsonaro e Ricardo Barros, Presidente do Brasil e Líder do governo na câmara.

Na constituição do nosso *corpus* principal, foram selecionadas notícias que estão dentro da abordagem de nosso foco de pesquisa. Assim, esse é constituído por três notícias coletadas em site de noticiários brasileiros, tais como: Revista Fórum, Uol e CNN Brasil. Assim, ratificamos os dizeres de Orlandi (2005):

Inicia-se o trabalho de análise pela configuração do *corpus*, delineando-se seus limites, fazendo recortes, na medida mesma em que se vai iniciando um trabalho de análise, retomando-se os conceitos e noções, pois a análise do discurso tem um procedimento que demanda um ir-e-vir constante entre teoria, consulta ao *corpus* e análise. (ORLANDI, 2005, p. 66 - 67, grifo nosso)

O analista do discurso exerce seu estudo no domínio entre teoria-*corpus*-análise, ou seja, é um processo de trabalho exige um ir-e-vir dessas noções. As materialidades para nossa análise foram extraídas do *corpus*, recortando as sequências discursivas (SDs) que se atrelam às pretensões destas investigações, ou seja, os recortes acerca das representações (projeções) sobre o sujeito professor e novos sentidos atribuídos à educação e aos professores.

Quanto a análise, pode se dizer que “é um processo que começa pelo próprio estabelecimento do *corpus* e que se organiza face à natureza do material e à pergunta (ponto de vista) que o organiza.” (ORLANDI, 2005, p. 64), ou seja, a partir da seleção do *corpus* o analista já está no processo de análise, no entanto Orlandi (2005, p. 64) esclarece que o analista deve primar por uma análise “o menos subjetiva possível, explicitando os modos de produção de sentidos do objeto em observação”.

Além das materialidades analisadas ao longo do nosso estudo, as análises do nosso *corpus* principal seguiram seguinte ordem: primeiro enfatizamos os recortes da notícia: “Bolsonaro ataca professores e diz que eles não querem trabalhar.” (Anexo 02); A segunda contemplou os recortes da notícia: “Só o professor não quer trabalhar na pandemia”, diz Ricardo

Barros.” (Anexo 03). E por fim, a terceira: “Educação brasileira está em último lugar em ranking de competitividade.” (Anexo 04).

1.2 Revisão Sistemática

Durante o processo da pesquisa deste estudo, notou-se a necessidade e exigência de uma revisão sistemática ou revisão de literatura, a fim de identificar, apreciar e analisar as pesquisas realizadas com o tema deste estudo, sobre a perspectiva teórica e metodológica. Nessa revisão sistemática, apresentamos as pesquisas que mais se aproximaram¹ do nosso objeto de estudo.

Esta revisão direcionou o estudo, considerando os aportes teóricos fundamentados sob à luz da Análise do Discurso (AD) destacam-se as fontes primárias: Pêcheux (2009) e Orlandi (2005); no que diz respeito ao discurso midiático, abordaremos Gregolin (2007).

A “*Revisão de literatura* é um termo genérico, que compreende todos os trabalhos publicados que oferecem um exame da literatura abrangendo assuntos específicos” (GALVÃO; RICARTE, 2019, p. 58), assim realizamos um apanhado geral de trabalhos que se relacionam com o nosso problema de pesquisa: *Que representações simbólico-imaginárias foram construídas pelo discurso midiático acerca dos professores (as) e da educação brasileira no período pandêmico?* Visando conhecer melhor as pesquisas realizadas com o tema deste estudo, definimos como base de dados o Portal de Periódicos da Capes e o Google Acadêmico, assim realizamos buscas de artigos, teses, dissertações e outros materiais bibliográficos.

A partir desta busca foi feita uma revisão sistemática, ou seja, uma pesquisa que utiliza como fonte de dados a literatura sobre determinado tema que segundo Galvão e Ricarte (2019).

É uma modalidade de pesquisa, que segue protocolos específicos, e que busca entender e dar alguma logicidade a um grande corpus documental, especialmente, verificando o que funciona e o que não funciona num dado contexto. Está focada no seu caráter de reprodutibilidade por outros pesquisadores, apresentando de forma explícita as bases de dados bibliográficos que foram consultadas, as estratégias de busca empregadas em cada base, o processo de seleção dos artigos científicos, os critérios de inclusão e exclusão dos artigos e o processo de análise de cada artigo. Explicita ainda as limitações de cada artigo analisado, bem como as limitações da própria revisão. (Galvão e Ricarte, 2019, p. 58-59)

Aplicou-se as seguintes estratégias de busca na base de dados do Portal de Periódicos da Capes, a utilização da expressão *Educação na Pandemia*, o resultado apresentado foi de 658 estudos, utilizamos como filtro pesquisas em português e um recorte temporal de um ano (2020-2021); ao expandir os termos de busca para *Mídia; Discurso; Educação* foram apresentados

¹ Tal conclusão tem por base o levantamento bibliográfico realizado no ano 2021.

3.275 estudos, utilizamos mais uma vez o filtro pesquisas em português. De tal modo, foi possível constatar - algo já esperado - que as publicações em torno da temática *educação na pandemia* aparecem em menor número, mas mesmo assim esse quantitativo de pesquisas surpreendeu por se tratar de algo tão recente.

Na base de dados do Google Acadêmico, utilizou a estratégia de busca a partir dos termos: *Discurso Midiático; Educação; Pandemia; Análise do Discurso; Projeções Imaginárias*, sem quaisquer critérios de exclusão ou filtro de pesquisa, cujo resultado de pesquisa apresentou 1.310 estudos.

Nessa perspectiva, de estratégias de buscas utilizamos o filtro de pesquisa, priorizando os estudos das áreas das Análise do Discurso; Educação e Pesquisa em Educação; Português, desse modo encontramos o total de 514 publicações de estudos. Desse quantitativo, selecionamos 15 estudos partir da leitura e avaliação dos títulos, assim como a análise dos resumos (GALVÃO; RICARTE, p. 68), estudos estes que abordassem discursivamente e mais aproximadamente a questão que norteou a presente pesquisa. Apenas três estudos atendiam aos critérios estabelecidos, ao se aproximar com o nosso estudo, aqueles cujo processo metodológico está diretamente relacionado a Análise do Discurso (AD), e que utilizam como referencial norteador de análise a AD de Pêcheux e Orlandi, vale salientar a aproximação desses estudos tem como critério o discurso midiático.

Quanto aos critérios de exclusão, destaca-se os estudos que não pertencem às áreas estabelecidas por esta revisão; os estudos que estão escritos em línguas estrangeiras e os que não estão disponíveis para acesso por algum motivo ou não tem acesso aberto. A partir desses três estudos estabeleceu -se mais um critério de exclusão, o marco temporal, ou seja, a data de publicação a partir de 2020. Assim, restou o estudo Cavalcante; Lima (2020), *O trabalho docente no discurso midiático: sentidos que retornam*.

Conforme sugere (GALVÃO; RICARTE, p. 68), “[...] em um terceiro momento, pode-se realizar uma análise crítica geral dos documentos encontrados, onde serão observados a coerência do estudo, qualidade metodológica, resultados alcançados, conclusão, financiamento do estudo etc.”, de tal modo a análise visou as sessões que compõem o corpo da pesquisa relacionado, partindo inicialmente do resumo, introdução e conclusão. A análise teve um caráter exploratório, assim, as outras seções e o estudo como um todo foi esmiuçado a fim de identificar e coletar informações relacionadas e correlacionadas com o objetivo principal do nosso estudo, não menos importante, identificamos também as diferenças entre estudos incluídos nesta revisão de literatura.

O estudo do artigo de Cavalcante; Lima (2020), *O trabalho docente no discurso midiático: sentidos que retornam*, tem por objetivo analisar discursos materializados na mídia escrita e utiliza os pressupostos teórico metodológicos da Análise do Discurso (AD) pecheutiana acerca do trabalho docente. O artigo nos interessou por se tratar de recortes de materialidades discursivas, de dois editoriais, acerca do trabalho do professor, o que se assemelha com a temática do nosso estudo. Além de ser utilizado como dispositivo de análise a AD, no entanto também foi utilizada uma interlocução com Volóchinov e Lukács. Outro ponto que se afasta do nosso estudo é a abordagem do trabalho docente como sacerdócio, enfatizando essa memória na produção de efeitos de sentido.

O artigo nos interessou, pois a temática é bem próxima ao do nosso estudo, no entanto além dos aspectos que os diferenciam, mencionados anteriormente, ressaltamos a discrepância quanto a abordagem na perspectiva do período pandêmico de covid-19.

Destarte, o objetivo principal dessa revisão além de delimitar o nosso tema, foi conhecer os trabalhos que mais se aproximam do nosso estudo, verificar as abordagens utilizadas e quais foram os resultados alcançados. Vale ressaltar a lacuna de pesquisas que abordam diretamente a temática do nosso estudo. Compreende-se que nosso estudo tem como plano de fundo a pandemia da Covid-19, popularmente denominado novo coronavírus, o que delimita o alcance de pesquisas para a revisão sistemática. Por fim, essa revisão é importante pois, auxilia outros pesquisadores com os resultados aqui alcançados e traz visibilidade a outras pesquisas já realizadas.

2. ANÁLISE DO DISCURSO: UM BREVE PERCURSO DA HISTORICIDADE POLÍTICO-IDEOLÓGICA

Neste capítulo, apresentamos as noções dos teóricos basilares da Análise do Discurso (doravante AD), fundamentada por Michel Pêcheux, assim como o contexto teórico e político de constituição desta. Recorremos a Orlandi (2005), referência nos estudos da AD no Brasil, no que diz respeito aos conceitos de discursos e ideologia também serão abordados sob as contribuições de Pêcheux (1995, 1997) e Amaral (1999).

Na década de 1960, a Análise do Discurso surge em uma perspectiva linguística e das ciências sociais. Diante dos aspectos reducionistas do estruturalismo muitos já o rejeitavam, “pessoas como Lacan, mas também Althusser, Derrida ou Foucault” (HENRY, 1997, p. 28), a reviravolta ocorre no momento em que Michel Pêcheux decide, segundo as palavras de Henry (1997, p. 14), “abrir uma fissura teórica e científica no campo das ciências sociais, e, em particular, da psicologia social” e o seu apogeu se dá em 1969, com a publicação de *Análise Automática do Discurso* (AAD-69). Nas palavras de Gregolin, este é o “livro que inaugura uma abordagem transdisciplinar convocando uma teoria linguística, uma teoria da história e uma teoria do sujeito.” (GREGOLIN, 2003, p. 23)

O início da AD, para Maldidier (1997), é considerado através “de uma dupla fundação por Jean Dubois e Michel Pêcheux”, a partir dos dois textos que marcam esse momento, o artigo *Lexicologia e Análise do Enunciado*, discurso de encerramento proferido por Dubois no Colóquio de Lexicologia Política de Saint Cloud (1968) e a *Análise Automática do Discurso*, publicação de Michel Pêcheux. É preciso ainda ressaltar que essa dupla fundação proposta por Maldidier “nada tem de individual, ela coloca a questão sobre as condições de possibilidade de um campo novo dentro da conjuntura teórico-política do fim da década de 1960” (MALDIDIÉ, 1997, p. 15). Ainda sobre esses autores, Gregolin (2003) acrescenta que:

Nos dois autores, problematiza-se a relação entre o objeto (discurso) e o dispositivo de análise, no entanto as diferenças entre as propostas desses dois fundadores explicam os rumos que a Análise do Discurso vai tomar posteriormente. Dubois era já um lexicólogo famoso, um linguista ligado à universidade, criador da revista *Langages*. Pêcheux era filósofo, ligado a Althusser, preocupado em discutir a epistemologia das ciências naquele momento em que a Linguística vivia sua “crise epistemológica” ao mesmo tempo em que o estruturalismo triunfante pregava o sonho da “ciência piloto”. (GREGOLIN, 2003, p. 23)

A Análise do Discurso francesa emerge: de dois polos Dubois e Pêcheux, e é preciso ressaltar, mesmo que alguns aspectos os distinguem seja o terreno, a situação ou as preocupações, estes estão em um espaço comum: do marxismo e da política. (MALDIDIÉ, 1997) “Na contramão das ideias dominantes, eles partilham as mesmas evidências sobre a luta

de classes, sobre a história, sobre movimento social” (MALDIDIER, 1997, p. 17). Ainda segundo Mالدیدیر (1997), na conjuntura teórica, da França dos anos 1968-70, o nascimento da AD é norteado pelo marxismo e pela Linguística. Esses dois polos fundadores da Análise do Discurso traçaram caminhos distintos, assim como sustentam posturas distintas em relação a teoria. Enquanto Dubois pensa a Análise do Discurso com continuidade natural da “passagem do estudo das palavras (lexicologia) ao estudo do enunciado (análise do discurso) [...], é uma extensão, um progresso permitido pela linguística” (idem, p.18). Para M. Pêcheux, a AD é pensada como uma ruptura das ciências humanas e da epistemologia que dominava até então este campo de saber, o objetivo de Pêcheux foi criar um novo campo de saber a partir de um novo objeto, o discurso, nas palavras de Mالدیدیر (1997, p.19) “O objeto discurso, que reformula a fala saussuriana na relação com a língua, implica, de acordo com a fórmula althusseriana, uma mudança de terreno. Mais globalmente, é a maneira de teorizar a relação da linguística com um exterior”.

Por sua vez, a França, da década de sessenta, passava por tensões e essa conjuntura também esteve no campo teórico, segundo Ferreira (2010, p.02) “o movimento de maio de 68 e as novas interrogações que surgiram de súbito no âmbito das ciências humanas foram decisivas para subverter o paradigma então reinante”. O paradigma deste momento histórico é o estruturalismo francês, e este “fez da linguística a *ciência-piloto*; os estruturalistas tentaram definir seus métodos tendo como referência a linguística” (HENRY, 1997, p. 27) [grifo nosso]. Como afirma Mالدیدیر (1997, p.17), “os anos 60, convém lembrar aqui, são os anos do estruturalismo triunfante. A linguística, promovida a ciência-piloto, está no centro do dispositivo das ciências”.

Pêcheux ao questionar a ciência-piloto, na AAD-69, segundo Gregolin (2003), crítica o corte saussureano que definiu a separação entre *langue* e *parole* o que resultou à *língua* o status de objeto de estudos da Linguística, e a exclusão da *fala*. Segundo Ferreira (2010), Pêcheux se torna um oponente a essa teoria ao “romper com o corte saussuriano de *língua/fala* e mudar a relação entre os termos do novo par *língua/discurso*”, é através da negação dessa separação proposta por Saussure que Pêcheux “distanciando-se dela para fazer intervir o conceito de discurso”. Segundo Mالدیدیر (1997), “a construção de um objeto discurso não é uma simples ‘superação da linguística saussuriana’, ela apoia-se sobre a teoria do valor que coloca a língua² como sistema formal” (p.19). Assim, sob o olhar de Gregolin (2003),

² Língua para a AD, que não mais é a mesma língua da linguística. A língua da AD admite a falta, o furo, a falha; não trabalha com uma noção de estrutura fechada e homogênea (FERREIRA, 2010).

Para Pêcheux, tratava-se de criar um novo campo de investigação e suas preocupações eram a epistemologia, o “corte saussureano”, a reformulação da *parole*. Ao propor esse novo campo do saber, ele interroga a metodologia, propõe um dispositivo analítico a fim de integrar a análise das condições de possibilidades do discurso, dos processos discursivos. O novo campo toma um novo objeto (que não é o dado empírico, que é diferente de “enunciado”, diferente de “texto”): o *discurso*, cuja espessura opera a articulação entre o linguístico e o histórico. (GREGOLIN, 2003, p. 24) [grifo do autor]

Ao inaugurar a Análise do Discurso, Michel Pêcheux revela o discurso com um novo objeto de investigação. O estruturalismo francês vivia seu auge no fim dos anos 60, mas “o que interessava a Pêcheux no estruturalismo eram os aspectos que supunham uma atividade não-reducionista no que se refere à *linguagem*” [grifo nosso] (HENRY, 1997, p. 14). Pêcheux tecia críticas às ciências sociais e questionava o seu papel, segundo Henry (1997), ao expor em sua publicação a Análise Automática do Discurso, ele objetivava propor um instrumento científico às ciências sociais, “Pêcheux visava a uma transformação da prática nas ciências sociais, uma transformação que poderia fazer desta prática uma prática verdadeiramente científica” (HENRY, 1997, p. 18). Este autor ainda destaca:

Podemos compreender por que Pêcheux, tendo em vista provocar uma ruptura no campo ideológico das “ciências sociais”, escolheu o discurso e a análise do discurso como lugar preciso onde é possível intervir teoricamente (a teoria do discurso), e praticamente construir um dispositivo experimental (a análise automática do discurso). (HENRY, 1997, p. 25)

Para Maldidier (1997), o discurso (o objeto no novo campo de saber) e o dispositivo construído para a análise são pensados ao mesmo tempo, pois M. Pêcheux “não podia pensar um domínio de conhecimento novo sem se interrogar sobre o instrumento de sua análise” (MALDIDIER, 1997, p. 20). “Máquina discursiva” foi a expressão que Pêcheux usou para “batizar” seu dispositivo na ADD-69. Maldidier enfatiza que

Relacionando um estado das condições de produção com os processos de produção do discurso, M. Pêcheux fornecia, simultaneamente, uma definição de discurso, sempre determinada e apreendida dentro de uma relação com a história, e um princípio de construção do corpus discursivo. [...] *O discurso, sempre constituído a partir de hipóteses histórico-sociais, não se confunde nem com a evidencia de dados empíricos, nem com o texto.* (MALDIDIER, 1997, p. 20) [grifo nosso]

Segundo Pêcheux (1997, p. 82) “*discurso*, [...] não se trata necessariamente de uma transmissão de informações, mas, de modo geral, de ‘efeito de sentidos’ entre” interlocutores. Para Orlandi (2005, p.15) “a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento”. Por sua vez a AD trata a linguagem com mediadora imprescindível entre o homem e a realidade em que vive, ou seja, o meio social. Orlandi (2005) enfatiza que é necessário observar como para a AD, a língua não é considerada um sistema

abstrato, e sim “como a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentido”, assim dizendo, um método de interação.

Por sua vez, a AD critica as Ciências Sociais e a Linguística por acolher a concepção de linguagem como instrumento de comunicação, “[...] justamente para romper com a concepção instrumental tradicional da linguagem que Pêcheux fez intervir o discurso”. (HENRY, 1997, p. 26). Segundo Pêcheux, as “ciências sociais” eram de alguma forma ligada com a prática política, a principal preocupação de Pêcheux estava justamente “entre o discurso e a prática política, ligação que, para ele, passa pela *ideologia*.” [grifo nosso] (HENRY, 1997, p. 30).

Já que o discurso, para Pêcheux (1995), está circunscrito entre a linguagem e a ideologia, pode-se reconhecer esses na relação entre a língua e a ideologia. Para Orlandi (2005),

Partindo da ideia e que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia. Essa relação se complementa com o fato de que, como diz M. Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido. (ORLANDI, 2005, p. 17)

A Análise do Discurso, segundo Orlandi (2005), a partir dos anos 60 constituiu-se na articulação de três domínios disciplinares: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. No entanto a AD busca evidenciar que a relação linguagem/pensamento/mundo não se reduz a uma única definição, pois cada um possui sua especificidade. Assim “nos estudos discursivos, não se separam forma e conteúdo e procura-se compreender a língua não só como uma estrutura, mas sobretudo como acontecimento” (2005, p. 19). De tal modo, Orlandi (2005) estabelece a Análise do Discurso quanto:

- a. a língua tem sua ordem própria mas só é relativamente autônoma (distinguindo-se da Linguística, ela reintroduz a noção de sujeito e de situação na análise da linguagem);
- b. a história tem seu real afetado pelo simbólico (os fatos reclamam sentidos);
- c. o sujeito da linguagem é descentrado pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia. (ORLANDI, 2005, p. 19-20)

Segundo Henry (1997, p.36) “os instrumentos científicos não são feitos para dar respostas, mas para colocar questões. É pelo menos isto que Pêcheux esperava do seu dispositivo”, assim segundo Orlandi (2005), se a AD emerge das três regiões do conhecimento – Psicanálise, Linguística, Marxismo – e trabalha a noção de discurso, então pode se dizer que

Interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considera a historicidade, trabalha a ideologia como materialismo relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele. (ORLANDI, 2005, p.20)

O discurso é o “lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentido por/para os sujeitos” (ORLANDI, 2005, p.17), e vale ressaltar que “o deslocamento da noção de homem para a de sujeito” só é possível a partir da contribuição da Psicanálise. Sobre o conceito do objeto da AD, o discurso, é preciso compreender que nada tem a ver com o esquema elementar da comunicação, e por seus elementos: emissor, receptor, código, referente e mensagem, pois

Para a Análise de Discurso, não se trata apenas de transmissão de informações, *nem há essa linearidade na disposição dos elementos* da comunicação, como se a mensagem resultasse de um processo assim serializado: alguém fala, refere alguma coisa, baseando-se em um código, e o receptor capta a mensagem, decodificando-a. (ORLANDI, 2005, p.21) [grifo nosso]

Tendo em vista que a língua não é apenas mais um código, assim o emissor e receptor não estarão separados e não vão atuar em uma sequência linear, em uma ordem (pré-estabelecida), no qual primeiro um fala, emissor, e posteriormente o outro, receptor, decodifica. A partir deste entendimento Orlandi afirma, que o emissor e o receptor “estão realizando ao mesmo tempo o processo de significação [...] Além disso, ao invés de mensagem, o que propormos é justamente pensar aí o *discurso*.” [grifo nosso] (ORLANDI, 2005, p.21).

Ainda segundo Orlandi (2005) “as relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados”, logo é possível dizer que o “discurso é efeito de sentido entre locutores.” Mediante a relação sujeito e sentido, afirma Fernandes (2005, p.21) “quando nos referimos a produção de sentido, dizemos que no discurso os sentidos das palavras não são fixos, [...]. Os sentidos são produzidos face aos lugares ocupados pelos sujeitos interlocutores”. Vejamos o que diz Amaral (1999), em dois momentos distintos:

O que ocorre no processo de produção do discurso é um complexo processo de inter-relação entre os ‘sujeitos falantes’ e o meio social [...] em que vivem; nessa inter-relação os sujeitos sustentam determinadas posições em relação a determinadas formações ideológicas. (AMARAL,1999, p.29)

[...]tanto o discurso (como um espaço das manifestações das formações ideológicas) é determinado pelo processo sócio-histórico, como exerce influência sobre ele. De maneira que, considerando-se que todo discurso é, por natureza, ideológico e sua análise implica necessariamente o entendimento daquilo que expressa através do seu processo discursivo, na relação que mantém com a ‘situação concreta’ (a posição ideológica) do sujeito que expressa. (AMARAL,1999, p.31)

Partindo do princípio e da importância do discurso na relação dos indivíduos em sociedade, Amaral (1999) afirma: “o discurso é ideológico porque tanto representa um produto de constituição do sujeito histórico, resultado da interpelação ideológica, como opera no sentido de contribuir com a continuação desse processo de ‘formação’ do sujeito.” (1999, p.31). É preciso ressaltar que a constituição dos indivíduos em *sujeitos* não acontece apenas de uma

forma ou em condições iguais para todos da sociedade, e sim por um conjunto complexo e diverso de aspectos pelos quais opera a ideologia (AMARAL, 1999). Sendo assim, faz-se necessário discorrer sobre ideologia no tópico a seguir, para uma melhor elucidação do processo discursivo.

2.1 Ideologia

O conceito que temos ao real significado da palavra ideologia e o seu real sentido, na maioria das vezes é equivocado ou mal interpretado. Como sabiamente Marilena Chauí (2008) inicia o seu livro *O que é ideologia* ao destacar como o termo “ideologia” geralmente é confundido com ideário, significando apenas um conjunto de ideias. No entanto, a autora relaciona a ideologia ao contexto histórico social e político, pois por diversos períodos esse conceito foi alterado, vivenciado por vários povos e em distintas situações. Logo, os significados de valores ideológicos se estabeleceram como ideias universais das classes dominantes sobre as classes menos favorecidas. Alguns desses fatores para esse significado são a dominação do saber tecnológico, científico, literário, a exploração dos detentores do poder e capital, sobre os pobres, criando e ressaltando as desigualdades sociais. A autora ainda ressalta que essa ideologia apesar de tudo pode ser rompida, e afirma:

Quem e o que pode dismantelar a ideologia? Somente uma prática política nascida dos exploradores e dominados e dirigidas por eles próprios. Para essa prática política é de grande importância o que chamamos de crítica da ideologia, que consiste em preencher as lacunas e os silêncios do pensamento e discurso ideológico, obrigando-os a dizer tudo que não está dito, pois dessa maneira a lógica da ideologia se desfaz e se desmancha, deixando ver o que estava escondido e assegurava a exploração econômica, a desigualdade social, a dominação política e a exclusão cultural.” (CHAUÍ, 2008, p.118)

Na análise do discurso só é possível falar de ideologia, retornando a Althusser (1999) em *Aparelhos Ideológicos do Estado*, ao sustentar a tese de que “a ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos”. Henry (1997) afirma que as ideias althusserianas influenciaram Pêcheux, “segundo Althusser, é tendo como referência a ideologia que Pêcheux introduz o sujeito enquanto efeito ideológico elementar. É enquanto sujeito que qualquer pessoa é “interpelada” (HENRY, 1997, p.30). Pois, para Althusser, “só existe ideologia através do sujeito e para o sujeito”.

Pêcheux (1995), a partir de Althusser, traz duas proposições a respeito da ideologia: “1) só há prática através de e sob uma ideologia” (Pêcheux, 1995, p.149) e “2) só há ideologia pelo sujeito e para sujeitos” (Pêcheux, 1995, p.149). Na primeira é possível dizer que todo discurso é ideológico, ou seja, toda prática discursiva está inscrita e se consolida por meio da ideologia,

nesta proposição o artigo “uma” traz a “pluralidade diferenciada da instância ideológica”. Já a segunda proposições, entende-se como a ideologia é essencial na construção dos sujeitos e na produção de sentidos nas práticas discursivas. Para Orlandi (2005, p.46), “a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer”.

Sob essa perspectiva, na produção do dizer, o discurso do sujeito é o lugar que se concentra a língua e a ideologia, além de uma determinação histórica, assim é possível gerar sentidos nos enunciados. Orlandi (2005, p. 17) afirma que

Partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia. Essa relação se complementa com o fato de que, como diz M. Pêcheux (1975), *não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em ideologia pela ideologia e é assim que a língua faz sentido*. [grifo nosso]

Ainda, segundo Orlandi, (2007) a ideologia, para a Análise de Discurso não é “x”, mas o meio, o mecanismo de/ para produzir “x”. A autora inscreve a ideologia como interpretação de sentido em uma certa direção, direção esta determinada pela relação linguagem-história a partir dos mecanismos imaginários. Levando em consideração que a constituição do sentido do discurso se inscreve no processo de interpelação da ideologia, Pêcheux (1995) esclarece:

É a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”. Aquilo que chamaremos *o caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados” (PÊCHEUX, 1995, p. 160). [grifo do autor]

Nesse processo de significar, a ideologia assume papel estratégico e produz efeitos de sentidos nos sujeitos. Sob a luz do nosso estudo podemos, então, comprovar esses efeitos de sentidos no comentário do sujeito (espectador) de uma plataforma de rede social o Youtube, no canal da CNN Brasil, sobre a entrevista do deputado federal e líder do Governo, Ricardo Barros.

SD1: *Sra. A***** C. Caso seja professor que se sentiu ofendido! Você está na profissão errado. A vida é um direito de todos! Art. 5º CF Digo isso! Se você não tem amor à sua profissão dá a vaga pra quem quer trabalhar. Você já está um ano de férias recebendo seus proventos salário pago pelo contribuinte.* (YouTube, 2021)

A partir do dizer do enunciador, ao afirmar na entrevista, que os professores “*não querem trabalhar*”, é possível identificar os efeitos de sentido nas palavras do sujeito espectador, nas materialidades: “*dá a vaga pra quem quer trabalhar*”, “*Você (sujeito professor)*

já está a um ano de férias”, que os professores não estão trabalhando e estariam em casa apenas descansando. Nessa ocorrência, o sujeito enunciador utiliza do posto de poder (político - deputado federal) e da ideologia capitalista de direita para difundir seus enunciados para produzir sentidos e representações imaginárias, Gregolin (1995) ao parafrasear Althusser diz:

Segundo Althusser (s.d.), a ideologia é a representação imaginária que interpela os sujeitos a tomarem um determinado lugar na sociedade, mas que cria a "ilusão" de liberdade do sujeito. A reprodução da ideologia é assegurada por "aparelhos ideológicos" (religioso, político, escolar etc.) em cujo interior as classes sociais se organizam em formações ideológicas ("conjunto complexo de atitudes e representações") (GREGOLIN, 1995, p. 18).

É importante registrar que para Gregolin (1995), a ideologia “é um conjunto de representações dominantes em uma determinada classe dentro da sociedade”; visto que em uma sociedade existem várias classes, é admissível afirmar que outras várias ideologias vivem em confronto, pois essas *ideologias* são a “visão de mundo de determinada classe”. Por sua vez, Orlandi (2007) assegura que a ideologia:

[...]não se define como conjunto de representações, nem muito menos como ocultação de realidade. Ela é uma prática significativa. Necessidade da interpretação, a ideologia não é consciente: ela é efeito da relação do sujeito com a língua e com a história em sua relação necessária, para que se signifique. (ORLANDI, 2007, p. 48).

Por fim é preciso considerar, para a AD “a ideologia não é, pois, ocultação mas função da relação necessária entre a *linguagem e o mundo*” (ORLANDI, 2007, p. 31) [grifo nosso], é através dessa função de relações que o nosso estudo buscou identificar os efeitos de sentidos, nas materialidades discursivas, dos discursos sobre o sujeito professor e a educação no Brasil pandêmico. No tópico a seguir, discorreremos sobre os conceitos de formações discursivas (FD) e formações ideológicas (FI), necessárias para o processo da análise das sequências discursivas.

2.2 Formações Discursivas (FD) e Formações Ideológicas (FI)

Nas discussões anteriores, o foco se centrou no assunto Ideologia e, para um maior entendimento acerca do senso de pertencimento, do lugar de onde fala o sujeito, torna-se salutar discutir as noções de formações discursivas e formações Ideológicas para uma melhor compreensão do processo de análise do discurso professoral e educacional.

É inevitável falar de formação discursiva e não nos referir a Foucault, pois o conceito-noção de *formação discursiva* é oriunda da *A Arqueologia do Saber* (1969). Foucault (2008) busca as regularidades que existem nos enunciados, e assim revela que:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os

conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* [...] (FOUCAULT, 2008, p. 43).

Segundo Fernandes (2005) a formação discursiva especifica-se “pela existência de um conjunto semelhante de objetos e enunciados que os descrevem” e resulta de um domínio em que “dizeres e os sujeitos socialmente organizados em um momento histórico específico”, no entanto e preciso salientar que uma FD não se limita apenas a uma época. Assim, uma formação discursiva não exerce o papel de uma figura que para o tempo ou estagna por décadas ou séculos, para Foucault (2008, p. 83) “ela determina uma regularidade própria de processos temporais; coloca o princípio de articulação entre uma série de acontecimentos discursivos e outras séries de acontecimentos, transformações, mutações e processos”. Para Fernandes (2005), uma FD nunca é homogênea, pois ela é “sempre constituída por diferentes discursos” e ainda que um mesmo tema seja “colocado em evidência, é objeto de conflitos, de tensão, face às diferentes posições ocupadas por sujeitos que se opõem, contestam-se.” (FERNANDES, 2005, p. 38)

É importante ressaltar que é na AD de linha francesa, a partir de Pêcheux que a noção de formação discursiva passa a ser vinculada ao mecanismo de luta de classes, e são definidas como “o que pode e deve ser dito (articulado sob de uma arenga, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes” (PÊCHEUX e FUCHS, 1997, p. 166). Ou seja, pode-se entender as FDs como o lugar que as formações ideológicas “operam regulando os sentidos e estabelecendo o que pode e deve ser dito” (AMARAL, 1999, p. 38)

Para Amaral (1999) é possível observar o “desempenho” das formações discursivas, no processo histórico-social de uma sociedade de classe, sendo este para fazer valer ou fortalecer uma dada formação ideológica, assim pode-se reconhecer as formações discursivas como “*processos de constituição*” (1999, p. 39).

As formações discursivas, por serem formas em que as formações ideológicas se manifestam e podem concretizar-se enquanto função social, estão em permanente movimento, em contínuo processo de reconfiguração, aproximando ou distanciando os sentidos os sentidos que se propõe. (AMARAL, 1999, p. 38)

Compreende-se formações ideológicas, como uma força capaz de confrontar com outras forças, em uma condição ideológica. Segundo Gregolin (1995) “uma sociedade possui várias formações ideológicas, e a cada uma delas corresponde uma ‘formação discursiva’ (o que se pode e se deve dizer em determinada época, em determinada sociedade)”.

Para Pêcheux e Fuchs (1997, p.166), “cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e apresentações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’, mas se relacionam mais ou menos diretamente a *posições de classes* em conflito umas com as outras”.

Podemos afirmar, a partir de Amaral (1999), que as FIs no interior de uma conjuntura ideológica de uma certa sociedade, intervêm nas relações sociais como uma força em combate com outras forças. Segundo Amaral (1999, p. 38) as formações ideológicas:

São expressões da conjuntura ideológica de uma formação social; elas se opõem historicamente e formas diferentes e em diferentes momentos históricos acompanhando o processo de complexificação da sociedade e, com ele, também se modificando. Assim, as formações ideológicas dominantes em uma sociedade corresponde ao modo de produção dominante.

Cabe destacar que, as formações discursivas intervêm nas formações ideológicas e “que toda formação discursiva deriva de condições de produção específicas” (PÊCHEUX e FUCHS, 1997, p.167).

2.3 Efeitos de Sentido

Nos tópicos antecedentes, observamos que a ideologia inscrita na AD pecheuxtiana se diferencia das demais concepções por vários aspectos que esta pesquisa não intenciona discutir, pela grandeza do conteúdo. Entretanto, o que mais chama a atenção é o fato de estar atrelada ao sujeito pelos efeitos de sentido, provocados pelas materialidades linguísticas discursivizadas. Mas, afinal, como podemos perceber esse estreitamento entre ideologia e efeitos de sentido? Numa visão pecheuxtiana, que tratamento conceitual pode ser destacado aos efeitos de sentido? É nesta linha de raciocínio que damos prosseguimento ao texto.

Segundo Pêcheux, o discurso define-se como efeito de sentidos entre interlocutores, sentidos esses que vão além da língua e da materialidade discursiva. De acordo com ORLANDI (2005, p. 44), “os sentidos não estão assim predeterminados por propriedades da língua. Dependem da relação construídas nas/pelas formações discursivas”. No entanto é preciso ponderar que as palavras/expressões passam a ter sentido de acordo com a posição de quem a empregam e das condições de produção do discurso. Assim Pêcheux (1995) afirma que o sentido de uma palavra ou expressão:

[...] é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). Poderíamos resumir essa tese dizendo: as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas (...) nas quais essas posições se inscrevem. Chamaremos então, formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada,

determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (PÊCHEUX, 1995, p. 160).

É preciso considerar que os sentidos – de uma palavra, expressão ou enunciado – alteram segundo a formação ideológica, ou seja, o sentido não é produto acabado e engessado, pois ele está em curso, em movimento entre os interlocutores e ocorre em um processo sócio-histórico e determinado pelas posições ideológicas, de quem (re)produz e quem o interpreta, resulta assim nos efeitos de sentidos:

[...] esse processo aparece para os sujeitos como natural, uma vez que essa naturalização dos sentidos ancora-se nos já-ditos que, esquecidos ou apagados, são convocados em diferentes situações para criar esse efeito de evidência. Nas palavras de Orlandi (1999, p. 48), “No entanto nem a linguagem, nem os sentidos nem os sujeitos são transparentes: eles têm sua materialidade e se constituem em processos em que a língua, a história e a ideologia concorrem conjuntamente” (BONÁCIO, 2009, p.73).

Nessa perspectiva devemos compreender que segundo Orlandi (2005) os sentidos serão constituídos ideologicamente, desse modo, tudo que dizemos possui traços ideológicos repleto de outros traços ideológicos. No entanto, para desvendar os efeitos de sentidos nos discursos faz-se necessário conhecer e avaliar as condições de produção de tal discurso, para Pêcheux (1997, p. 77) “um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas”.

As condições de produção são constituídas pelos sujeitos e pela situação, assim como a memória, ou seja, o que envolve, “aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente (...) o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-constituído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra” (ORLANDI, 2005, p. 31). Ou seja, não há discurso que não se relacione com outros discursos e os sentidos são o resultado dessa relação, pois segundo Orlandi (2005) um “dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis”.

No processo de produção de sentidos o sujeito enunciator, também utiliza do mecanismo de antecipação e coloca-se no lugar do interlocutor e “ouve” suas palavras, pois ao “antecipa-se assim a seu interlocutor *quanto ao sentido que suas palavras produzem*. Esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que *o sujeito dirá de um modo*, ou de outro, *segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte*” (ORLANDI, 1999, p. 39) [grifo nosso]

FIGURA 01



FONTE: Revista Fórum. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/2020/9/17/bolsonaro-ataca-professores-diz-que-eles-no-querem-trabalhar-82727.html>

Na figura 01, os efeitos de sentido estão atrelados à materialidade verbal e não verbal, o sujeito Bolsonaro e o da instituição midiática se misturam na materialidade. O título desse texto verbo-imagético (figura 01) é tomado nesse texto como SD2 e SD3. A SD3 presente na figura do site de notícias é a extensão do título, a SD2: "*Bolsonaro ataca professores e diz que eles não querem trabalhar*", e evidencia o discurso contra os professores. O sujeito enunciador (Bolsonaro) ao declarar "*para eles tá bom ficar em casa*", busca produzir efeitos de sentidos no interlocutor a fim de projetar uma imagem de que a classe docente está em casa "sem trabalhar", "de férias" e pôr não estarem no espaço físico da escola não estariam trabalhando e que ainda "não querem trabalhar" por conta da influência dos sindicatos, que por serem de "esquerda radical" (SD2), e opositores de seu governo de direita, doutrina os professores a não trabalharem. Podemos comprovar esse efeito de sentidos nos seguintes enunciados (comentários) de usuários das redes sociais:

SD4: *Não concordo com tudo que esse ser humano fala mais em questão da voltar às aulas concordo sim porque tá muito cômodo esses professores ficar em casa e recebendo aí eles não querem voltar mesmo fica sem receber pra ver se eles não voltam rapidinho e simples.* (Facebook, 2020)

SD5: *A Esquerda tem medo trabalhar.* (Youtube, 2020)

SD6: *Os professores da rede pública não querem mesmo, estão de boa recebendo salário integral. Não podem dar aula, nem online... Fico só vendo eles nas praias, restaurantes, Hotel fazenda, a maioria turistando, querem mais continuar assim de boa.* (Facebook, 2020b)

SD7: *Professor pode aglomerar em shopping, mercado e praia, mas trabalhar é que é perigoso.* (Facebook, 2020b)

As seqüências discursivas (SDs 04, 05, 06 e 07) apresentadas são apenas uma pequena amostra e evidenciam o quanto a imagem do professor é “atacada” e seu trabalho durante o período pandêmico foi desqualificado e negado, a partir de enunciados como o do Presidente, o interlocutor participa do processo de produção de sentidos em condições sócio-historicamente determinadas. Fernandes (2005), esclarece que “quando nos referimos à produção de sentidos, dizemos que no discurso os sentidos das palavras não são fixos, [...] Os sentidos são produzidos face aos lugares ocupados pelos sujeitos em interlocução” e como a posição do sujeito enunciativo Bolsonaro, Presidente do Brasil, um político eleito para o mais alto cargo do poder executivo, de quem se esperaria apoio e comprometimento para melhorar as condições dos professores, ao invés disso suas palavras “difamam” a classe docente pois a “palavra pode ter diferentes sentidos em conformidade com o *lugar* socioideológico daqueles que a empregam” (FERNANDES, 2005, p. 14). [grifo nosso]

Para compreender o momento socio-histórico e as condições de produção das discursividades a respeito do professor, do período pandêmico no Brasil, faz-se necessário o capítulo a seguir em que discorreremos sobre noções e mídia e as condições histórico-políticas da pandemia covid-19.

3. CONDIÇÕES HISTÓRICO-POLÍTICAS DA PANDEMIA DE COVID-19

Neste capítulo, apresentamos um retrospecto do contexto pandêmico de Covid-19. Enfatizamos no primeiro momento o cenário educacional no Brasil durante a pandemia, assim como as condições de produção dos discursos a respeito do professor, para isso abordaremos a relação existente entre a Análise do Discurso e a mídia, ao desenvolvemos sobre o discurso midiático.

3.1 Educação e Pandemia: tensões e conflitos

Em pleno século XXI, fomos acometidos por uma pandemia em escala global, o que resultou em uma mudança brusca na rotina de toda a humanidade, independentemente de suas origens, raça, classe social, localidade, profissão, enfim todos de alguma forma foram alcançados (as) pela pandemia da Covid-19.

O novo coronavírus não apresenta seletividade contagiosa, mas os impactos da Covid-19, doença pela qual é responsável, afetaram a vida e a saúde da população de diferentes formas, em decorrência das desigualdades produzidas na sociedade por classes sociais e seus recortes, ligados à raça, etnia e gênero. (ALESSI, S. M.; SOARES, M. S.; PEREIRA, C.; MARTINEZ, M. M. C.; MARCH, C., 2021, p.15)

De tal modo, em 11 de março de 2020, Tedros Adhanom, diretor geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), declarou oficialmente a pandemia da Covid-19, doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, síndrome respiratória aguda grave coronavírus 2.

Na tentativa de conter a circulação do vírus no Brasil e no mundo, foram adotadas ações emergenciais. A adoção de uma política de distanciamento social, sugerida pela Organização Mundial da Saúde (OMS), foi fundamental para reduzir a transmissão do coronavírus. Mas, toda ação tem uma reação, e uma das consequências deste distanciamento social foi a suspensão de atividades essenciais e realizadas em coletividade, ou seja, grandes e pequenos setores da sociedade foram inicialmente fechados, logo após funcionando em novas modalidades, entre eles as atividades do segmento da área da educação.

Para prevenir o contágio da Covid-19, o Ministério da Educação a partir dos critérios definidos pela OMS definiu e instituiu decretos e orientações para evitar a disseminação do novo vírus. Assim, a partir de março de 2020 ocorreu a suspensão temporária das aulas presenciais, desde o ensino básico ao superior, e o fechamento das escolas públicas e privadas, ou seja, a suspensão das atividades escolares. Tal cenário acarretou diversas consequências aos alunos, que vão desde a deficiências na aprendizagem, problemas psicológicos, aumento da evasão escolar e até mesmo a fome, por falta do acesso a merenda escolar.

Segundo o monitoramento global e dos dados³ da UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura - no dia 30/03/2020 cerca de 1.450.430.123 de alunos foram afetados, em mais de 167 países, pelo fechamento das escolas causados pela Covid-19, isso equivale a 82,8% do total de alunos matriculados.

Para amenizar os impactos e manter a aprendizagem dos alunos, mesmo com as escolas fechadas, o Brasil, por meio do Ministério da Educação, decreta a Portaria n° 343, 17 de março de 2020, que “Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus Covid-19” (BRASIL, 2020a). No entanto o MEC, em 19 de março de 2020, publica uma nova Portaria n° 345/2020 que altera Portaria n° 343, 17 de março de 2020. Assim, o art. 1º passa a dispor:

Fica autorizada, em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação, por instituição de educação superior integrante do sistema federal de ensino, de que trata o art. 2º do Decreto n° 9.235, de 15 de dezembro de 2017. (BRASIL, 2020b)

Como o documento não contemplava a educação básica fez-se necessário o esclarecimento sobre a realização das atividades escolares.

Como nada foi mencionado em relação à Educação Básica, [...] o Conselho Nacional de Educação afirmou que caberia às autoridades dos sistemas de ensino federal, estaduais, municipais e distritais autorizar a realização de atividades a distância nos seguintes níveis e modalidades de ensino: Fundamental, Médio, Educação Profissional Técnica de nível Médio, Educação de Jovens e Adultos e Educação Especial. (PEREIRA; NARDUCHI; MIRANDA, 2020, p. 228)

Nesse esforço pela educação, as escolas, instituições de ensino, secretárias de educação e professores migraram para o ensino remoto e implementaram o ensino remoto emergencial, com as adaptações pedagógicas necessárias ao momento. No que diz respeito a modalidade do ensino remoto Saviani e Galvão (2021) afirma:

O advento da pandemia do novo coronavírus provocou a necessidade de fechamento das escolas, o que levou ao “ensino” remoto em substituição às aulas presenciais. A expressão ensino remoto passou a ser usada como alternativa à educação a distância (EAD). Isso, porque a EAD já tem existência estabelecida, coexistindo com a educação presencial como uma modalidade distinta, oferecida regularmente. Diferentemente, o “ensino” remoto é posto como um substituto excepcionalmente adotado neste período de pandemia, em que a educação presencial se encontra interdita. (p. 38)

As aulas foram ministradas através das mais diversas plataformas online, e os recursos tecnológicos online foram usados para construir, da melhor forma possível, um ensino dinâmico e acessível.

A adoção das atividades não presenciais, apoiadas pelo uso dos recursos oferecidos pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), constituiu-se, assim, num caminho para minimizar as perdas causadas, no campo da educação, pelo isolamento

³ **Educação: da interrupção à recuperação.** Disponível em: <https://en.unesco.org/covid19/educationresponse>.

social. Dessa forma, as TICS surgem como uma alternativa para evitar que os estudantes sofram prejuízos no processo de ensino-aprendizagem. (PEREIRA; NARDUCHI; MIRANDA, 2020, p. 227)

É preciso considerar que a utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC)⁴ foram de suma importância para o processo educacional em tempos de pandemia. Porém, vivemos em um país que “reina” a desigualdade social, e nem todos que tinham acesso ao ensino presencial, dispuseram desse mesmo acesso no ensino remoto. A falta de acessibilidade pode se apresentar pelas mais diversas situações, seja pela falta da conexão da internet (wifi / dados móveis), seja pela incompatibilidade do aparelho com as plataformas de ensino e até mesmo pela falta de aparelhos tecnológicos para esse acesso, celulares ou computadores. A pandemia de Covid-19 evidenciou um problema antigo do sistema educacional brasileiro, a falta de estrutura e de políticas públicas que possa garantir uma educação de qualidade a todos.

Durante esse novo cenário educacional imposto pela pandemia do coronavírus, os docentes se viram obrigados a transformar – reinventa – sua rotina pedagógica e conseqüentemente a vida pessoal, pois “estes estão abarrotados de trabalhos para corrigir, mensagens de e-mails e aplicativos, fóruns de ambientes virtuais e outros para dar conta” (SAVIANI E GALVÃO, 2021, p. 42).

A partir da imposição de adesão ao ensino remoto, exigiu-se o trabalho com ferramentas e tecnologias de uso particular do conjunto de trabalhadores da educação (fora despesas com contas de internet, luz, alimentação etc.). Outro elemento para a discussão é que não há mais diferenciação entre o espaço da casa e do trabalho. Assim, no home office, acentuam-se: a indefinição de horários de trabalho, a invasão da privacidade do trabalhador, a superexposição de sua imagem e apropriação pelos empresários educacionais do conteúdo de suas aulas. (MENEZES; MARTILIS; MENDES, 2021. p .56)

Os professores “durante a pandemia, se veem obrigados a lecionar remotamente, flexibilizando o ensino e sua função docente e com perda na qualidade do processo de ensino-aprendizagem.” (MENEZES; MARTILIS; MENDES, 2021. p .58), acarretando nestes profissionais questionamentos do seu fazer metodológico e pedagógico, por parte dos alunos, dos pais e da comunidade escolar, além das cobranças pessoais. O resultado de uma mudança tão repentina e de tantas cobranças é o adoecimento docente, “a preocupação com a qualidade do trabalho e as cobranças que vêm de todas as partes (empregadores, pais e estudantes)

⁴ A denominação TIC, tecnologias de Informação e Comunicação, diz respeito aos procedimentos, métodos e equipamentos usados para processar a informação e comunicá-la aos interessados. As TICs agilizaram o conteúdo da comunicação, através da digitalização e da comunicação em redes (Internet) para a aptação, transmissão e distribuição das informações, que podem assumir a forma de texto, imagem estática, vídeo ou som (MAIA, 2003).

resultam numa sobrecarga absurda de trabalho, que cobra o seu preço à saúde física e mental dos professores” (MENEZES; MARTILIS; MENDES, 2021. p. 54)

Todos esses fatores e tantos outros, colaboram para que a Educação brasileira alcance patamares e indicadores indesejáveis. Neste período pandêmico, foi recorrente na mídia informações, dados, entrevistas, reportagens e relatos, repleto de discursos acerca dos professore(as) e da educação brasileira.

Na mídia, os discursos carregados de efeitos de sentido, circularam nos mais diversos meios de comunicação, e de certa forma constitui o sujeito e as projeções imaginários de si e do outro. Segundo Kellner (2004, p. 02), “A cultura da mídia não aborda apenas os grandes momentos da vida comum, mas proporciona também material ainda mais farto para as fantasias e sonhos, modelando o pensamento, o comportamento e as identidades”.

No tópico a seguir apresentamos a relação teórica da Análise do Discurso e o discurso digital, logo evidenciamos os efeitos de sentidos que são materializados e circulam mídia. Para tanto apresentaremos considerações sobre esta área do saber, a partir de estudiosos relevantes deste campo de estudo, AD.

3.2 O Discurso Midiático

Em tempos de tantos avanços tecnológicos e uma sociedade tão conectada, faz-se necessário compreender a discursividade da mídia e como são apresentados os diversos temas que circulam na sociedade, assim “Os estudos sobre o discurso da mídia focalizam o modo como nela são produzidos saberes sobre o corpo, a política, a língua, a formação de identidade, a cultura etc.” (BONÁCIO, 2009, p.73).

É possível compreender a partir de Gregolin (2007) que a mídia, na sociedade contemporânea, se encarrega de fazer circular representações e muito do que se diz é considerado como eco de dizeres outros que decorrem e circulavam em outros lugares. No entanto é preciso reconhecer que “Não há, nos discursos da mídia, apenas reprodução – ela também os reconstrói, reformata, propõe novas identidades.” (GREGOLIN, 2007, p. 23)

A mídia constitui o imaginário social como produtora de uma história do presente e de uma visão sobre o passado, que integra este imaginário disponibilizado na circulação desse discurso. Este imaginário permite que os leitores possam também organizar sua relação com a realidade a partir de mecanismos de identificação com o discurso. (FILHO, 2013, p.58)

O discurso midiático é capaz de induzir os sujeitos e a sociedade através do imaginário social, pois “como o próprio nome parece indicar, as *mídias* desempenham o papel de mediação

entre seus leitores e a realidade (GREGOLIN, 2007, p. 16), é possível comprovar essa afirmativa de Gregolin, a partir da SD8, recortada do portal de notícias Metro1:

SD8: *“São os únicos servidores públicos que não estão trabalhando”, diz Bruno Reis sobre professores. Prefeito fez um apelo para que categoria aceite plano de retomada das aulas.* (METRO1, 2021)

O texto midiático contribui para reverberar os discursos de negação do trabalho dos professores durante a pandemia, além de promover a circulação desses discursos. A partir da fala do prefeito de Salvador, *Bruno Reis*, o discurso midiático do portal Metro1 usa essa SD8 para gerar efeitos de sentidos e induz os sujeitos leitores, que os professores não estão trabalhando, ou seja, essa SD projeta no interlocutor a imagem do professor que *“foge do seu ofício”* mesmo sabendo que todos os outros servidores públicos já estão em seus postos de trabalho. Assim, a mídia *“cria”* e faz os sujeitos e a sociedade acreditar em uma suposta realidade.

Ainda nesse sentido de interferência – mediação - posta por Gregolin, é possível afirmar nas palavras de Santos (2018):

A mídia interfere nos diversos setores sociais, com o intuito de trabalhar uma cultura do espetáculo, tendo como suporte as diversas práticas discursivas que operam nos discursos midiáticos, com a função de criar para os sujeitos *“um real”*, influenciado pelo imaginário social. (SANTOS, 2018, p. 35)

Gregolin (2007) ressalta que a junção dos estudos da mídia e os de análise do discurso enriquece dois campos, sendo assim categoricamente complementares, pois estes obstinam as produções sociais de sentidos, como objetivo. Outro fato relevante e que não pode ser deixado de lado, é o papel da mídia na mediação da realidade com os seus leitores, assim *“O que os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta.”* (GREGOLIN, 2007, p. 16)

Nesse sentido, a mídia constitui-se como uma indústria que produz e veicula símbolos e significados que têm implícito um conjunto de elementos, os quais interferem na estruturação, organização e reorganização do que se percebe na realidade em que o receptor está inserido. (KELLNER, 2004, p. 02).

Para o analista do discurso, a relação discurso e mídia oferece condições de compreender com a discursividade midiática expõe os temas sociais e explorar os efeitos de sentido materializados nos textos *“ao descrever, selecionar imagens, escolher tal discurso/palavra em detrimentos de outros, a mídia forma os sujeitos, sendo impregnada pela visão de mundo das instituições que patrocinam ou legitimam os discursos.”* (BONÁCIO, 2009, p.73).

Para o analista interessa compreender a relação entre a ordem da língua e a história, para o analista que se propõe a compreender a discursividade digital, interessa compreender [...] a relação entre a ordem da tecnologia, sua materialidade discursiva, que tem a ver com a historicidade. (DIAS, 2018, p. 61)

Tendo em vista os conceitos de produção de sentido, vale ressaltar a utilização dos mesmos para analisar a materialidade dos discursos midiáticos e da relação recorrente do discurso e da mídia nos mais diversos temas sociais, assim como os enunciados que circulam na sociedade. Gregolin (2007) argumenta que:

A *análise do discurso* (AD) é um campo de estudo que oferece ferramentas conceituais para a análise desses acontecimentos discursivos, na medida em que toma como objeto de estudos a produção de efeitos de sentido, realizada por sujeitos sociais, que usam a materialidade da linguagem e estão inseridos na história. Por isso, os campos da AD e dos estudos da mídia podem estabelecer um diálogo extremamente rico, a fim de entender o papel dos discursos na produção das identidades sociais. (GREGOLIN, 2007, p. 13)

Nesse processo, os discursos articulados na mídia e analisados pelo campo da AD, permite esclarecer as produções sociais de sentidos além dos mecanismos de circulação.

4. PROJEÇÕES IMAGINÁRIAS

Neste capítulo, trataremos as noções teóricas das projeções imaginárias segundo a Análise do discurso. Enfatizamos a Imagem Professoral na Pandemia e por fim analisamos as materialidades discursivas, do discurso midiático que tratem da representação imaginária do professor(a) e da educação brasileira no período de covid-19.

Ainda no primeiro ano da pandemia do coronavírus, surgiram inquietações sobre a abordagem da mídia quanto a educação brasileira e a imagem dos professores nos discursos midiáticos. Esses discursos circularam pela mídia e os sujeitos enunciadore s estão e fazem parte das mais diversas classes e posições sociais, como esses discursos são atrelados de ideologias, de efeitos de sentidos e das imagens que os sujeitos estabelecem de si e do outro, é que são forjadas as representações imaginárias do(a) professor(a) e da educação brasileira.

Para Orlandi (2005, p. 42) “na análise do discurso, não menosprezamos a força que a imagem tem na constituição do dizer. O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele é eficaz”, para tanto, é possível produzir imagens do sujeito como do objeto do discurso.

Diante das condições de produções de um discurso, assim como o processo desta produção, Pêcheux (1997, p. 82) afirma, “o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro.” Apesar de se ter claro o papel e posição do sujeito na formação imaginária Sobrinho (2019) explica que

[...] Pêcheux está falando de posições e formações imaginárias projetadas no discurso (lugares presentes, mas transformados) e, assim, [...] permite visualizar os sujeitos “protagonistas do discurso” na produção de sentidos: imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A (“Quem sou eu para lhe falar assim?”); imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A (“Quem é ele para que lhe fale assim?”); imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B (“Quem sou eu para que ele me fale assim?”); imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B (“Quem é ele para que me fale assim?”). Além disso, também apresenta a questão do referente do discurso a partir dos pontos de vistas de A e B sobre R: “De que lhe falo assim?” – “De que ele me fala assim?”. (SOBRINHO, 2019, p. 340)

Nessa interação, vale salientar o imaginário é elementar na construção do dizer, “Ele não “brota” do nada” (ORLANDI, 2005, p. 42), pois na AD, o imaginário opera entre a ideologia, sujeito e o sentido. A partir dessa relação, Tfoundi e Grigoletto sugere que “a ideologia que sedimenta um determinado imaginário social [...]. Assim, entrelaçam-se ideologia e imaginário no funcionamento do discurso e nas práxis dos sujeitos históricos”. (TFOUNI; GRIGOLETTO, 2020, p. 4817)

Na relação do discurso, segundo Orlandi (2006, p. 15), “O enunciador e o destinatário, enquanto sujeitos, são pontos da relação de interlocução, indicando diferentes posições”. É nesse processo de interlocução que os sujeitos se inscrevem nas projeções imaginárias, pois a “imagem que o sujeito faz dele mesmo, a imagem que ele faz de seu interlocutor, a imagem que ele faz do objeto do discurso”. Para Pêcheux (1997, p. 83) a imagem é “um objeto imaginário (a saber, o ponto de vista do sujeito) e não da realidade física”.

4.1 Imagem Professoral e Pandemia

A atuação do professor é fundamental para a construção e manutenção de uma sociedade, pois esse é mediador do saber e através da imagem do professor que desde a primeira infância somos “arrebataados” e passamos a construir um sentimento de admiração e respeito por aquele sujeito que nos instruí e apoia. Infelizmente ao logo de nossa vida somos atravessados por ideologias que podem transformar nosso ponto de vista, e conseqüentemente a mudar ou não a imagem que temos do profissional docente.

Segundo Cavalcante e Lima (2020) no Brasil múltiplos foram os discursos a respeito do professor que circularam e emergiram das/nas condições históricas que o país enfrentou desde os tempos de colonização, ou seja, a imagem do professor foi passando por transformações de acordo com a conjuntura socio-histórica e histórico-ideológico.

A importância da figura do professor foi sempre ressaltada inicialmente, sob o aspecto religioso como sacerdócio; depois como missão progressista em seguida, como agente de uma expansão e, por fim, como mediador de uma educação para adaptação às novas exigências sociais. (CAVALCANTE e LIMA, 2020, p. 08)

Na pandemia de covid-19, mais um momento socio-histórica, foram atribuídas imagem(ns), de certo modo, novas do professor e a mídia teve papel fundamental para difundir um “novo” estereótipo vinculado ao professor. Sobre o processo vinculado a imagem do professor no Brasil, os autores Menezes; Martilis e Mendes (2021) afirmam:

[...]há um tipo de oposição ao intelectualismo que tomou conta da sociedade brasileira e que tem como consequência um ataque frontal com desgastes intensos nos traços de identidade da vida acadêmica e dos professores. O desgaste da imagem do professor se configura, então, como um processo gradativo de barbarização da educação no Brasil. (MENEZES; MARTILIS; MENDES 2021, p. 55)

Os discursos midiáticos, através das formações discursivas e formações ideológicas, reforçam a construção dessa imagem de desgaste do professor, segundo Gregolin (2003, p.97) “é por meio do imaginário que se podem atingir as inspirações, os medos e as esperanças de um povo. É nele que uma sociedade esboça sua identidade e objetivos” E ainda esclarece que o “imaginário social se expressa por ideologias e utopias”.

[...]a mídia se faz um espaço de reduplicação dos discursos, dos enunciados de uma época. Mais do que inventar ou produzir um discurso, a mídia reduplicá-lo-ia, porém, sempre a seu modo, na sua linguagem, na sua forma de tratar aquilo que “deve” ser visto ou ouvido. Isso quer dizer, então, que ela também estaria simultaneamente replicando algo e produzindo seu próprio discurso. (FISCHER, 2002, p. 86)

Tomando como base a afirmação de Fischer (2002), em que a mídia é um lugar de “reduplicação dos discursos, dos enunciados de uma época”, como recorte para esse estudo, optamos por focar em discursos midiáticos acerca das representações (projeções) sobre o sujeito professor e novos sentidos atribuídos á educação brasileira, a partir do período pandêmico.

Assim, além das materialidades já analisadas e apresentadas, analisamos a seguir o *corpus* principal a partir das SDs das três notícias coletadas. Iniciando com as análises dos dizeres do sujeito Presidente Jair Bolsonaro, durante a *live* presidencial, que proliferaram na mídia e publicado no site Revista Fórum. As sequências discursivas analisadas a seguir reforçam as análises dos dizeres do presidente Jair Bolsonaro (SDs 02 e 03) presente na Figura 01.

SD9: *"Hoje mandei uma mensagem pro ministro Milton para se preparar e começar a orientar, já que a decisão é de governadores e prefeitos, para que se volte às aulas no Brasil. É inadmissível, perdemos o ano letivo", disse o ex-capitão, repetindo uma declaração na quarta-feira em que afirma que o Brasil é o país que teve o maior lock-down em escolas.* (REVISTA FÓRUM, 2020)

Na SD9 o texto midiático da Revista Fórum reforça a imagem autoritária do presidente Bolsonaro ao usar a expressão “*ex-capitão*”, pois gera efeitos de sentido de que a fala “*Hoje mandei uma mensagem pro ministro Milton para se preparar e começar a orientar*” parte do discurso autoritário de que os seus subordinados façam a sua vontade independente se essa seja a melhor ou a mais apropriada decisão, ou seja, o sujeito leitor a partir desses enunciados projeta a imagem do Presidente como “autoritário” e “inconsequente”, pois deseja a volta às aulas de qualquer maneira. Ao analisarmos a afirmativa: “*para que se volte às aulas no Brasil. É inadmissível, perdemos o ano letivo*” o sujeito enunciativo – Bolsonaro – é possível identificar que essa formação discursiva (FD) está alinhada a outras e reverbera o discurso que os professores não estão trabalhando, pois a expressão “*volte às aulas*” gera o efeito de sentido de que as aulas não estão ocorrendo, reforçada pela expressão “*perdemos o ano letivo*”. É sabido que nesta conjuntura muito era feito a partir dos esforços da classe docente para a processo educacional no Brasil continuasse, através do ensino remoto ou não.

SD10: *Na sequência, ele emendou em um ataque aos professores, que estão tendo que se desdobrar para lidar com o ensino remoto durante a pandemia. Segundo o presidente, os sindicatos de educadores são de "esquerda radical" e defendem o "Fica em Casa" para trabalhar menos e não pelo risco de contágio que a aglomeração nas escolas representa. (REVISTA FÓRUM, 2020)*

SD11: *"Ficam ouvindo sindicato de professores. Pessoal deve saber como que é composto a ideologia dos sindicatos dos professores pelo Brasil quase todo. É um pessoal de esquerda radical. Para eles tá bom ficar em casa, por dois motivos: primeiro eles ficam em casa e não trabalham, por outro colabora que a garotada não aprenda mais coisas, não volte a se instruir", declarou. (REVISTA FÓRUM, 2020)*

A SD10 e SD11 se relacionam e reforçam o discurso de desqualificação do ofício dos professores pelo atual Governo Federal. O sujeito enunciador, Bolsonaro, interpelado pela ideologia de direita e pelo discurso capitalista significa o professor como fruto da ideologia dos sindicatos de “*esquerda radical*”, que não gostam de trabalhar o que serve para confirmar e reforçar ao leitor os sentidos nele enunciados. Os efeitos de sentido do enunciado geram o sentido que esses professores não possuem consciência política, e por isso são mobilizados pelos sindicatos. Assim, os “processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que *A* e *B* se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de *seu próprio lugar* e do *lugar do outro*.” (PÊCHEUX, 1997, p. 82)

As expressões do texto midiático “*Para eles tá bom ficar em casa*” e “*defendem o "Fica em Casa"*” provocam no sujeito leitor a imagem de um professor que quer ficar em casa para não executar o seu trabalho, o termo “*tá bom*” gera o sentido que está em casa durante a pandemia é “agradável” é “satisfatório”, ou seja, potencializa o discurso do docente “ocioso” e de “não quer trabalhar” que atravessa as formações discursivas de toda a notícia da Revista Fórum.

As seqüências discursivas analisadas a seguir, são recortes da publicação do UOI-Educação a respeito das declarações do Deputado federal Ricardo Barros, em entrevista à CNN Brasil. Tais declarações alcançaram grande repercussão em toda mídia e diversos compartilhamentos e comentários em redes sociais.

FIGURA 02



Fonte: UOL-Educação. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2021/04/20/ricardo-barros-governo-critica-professores.htm>

SD12: *'Só o professor não quer trabalhar na pandemia', diz Ricardo Barros* (UOL, 2021)

A SD12 é enunciada pelo sujeito, Ricardo Barros - deputado federal e líder do governo na Câmara dos Deputados, o enunciado está inscrito nas formações ideológicas de direita, discurso do atual governo, que menospreza e desqualifica a profissão docente. Ao analisarmos essa SD, nos atentamos ao vocábulo “só” que exerce a função semântica de advérbio de exclusão, no sentido de que somente essa categoria de trabalhadores esta “fora” do seu posto de trabalho. Na expressão “não quer trabalhar” fica evidente que o sujeito enunciativo, é interpelado pela ideologia capitalista, este sujeito constituído como representante do povo/governo e atravessado pela formação discursiva do poder, em que dá respaldo e credibilidade a afirmação, ou seja, produzindo efeitos de sentidos no leitor de que estes professores não estão trabalhando. O advérbio de negação, “não”, projeta no leitor a imagem de negativa do trabalho desenvolvido por essas profissionais no formato remoto, durante o processo sócio-histórico da pandemia da covid-19. Exercer a licenciatura no formato remoto, foi a realidade dos professores brasileiros sejam eles de escolas públicas ou privadas, desde o ensino infantil ao ensino superior, assim, a escola e o ambiente de trabalho foram transferidos para o lar (âmbito íntimo) dos docentes.

SD13: *O deputado federal Ricardo Barros (Progressistas), líder do governo na Câmara dos Deputados, criticou hoje a classe de professores ao afirmar que os docentes "não querem trabalhar" e explicou que, neste momento, há uma votação no Congresso para transformar a educação em serviço essencial e reabrir todas as escolas mesmo com a pandemia da covid-19.*

"É absurdo a forma como estamos permitindo que os professores causem tantos danos às nossas crianças na continuidade da sua formação. O professor não quer se modernizar, não quer se atualizar. Já passou no concurso, está esperando se aposentar, não quer aprender mais nada", disse Barros em entrevista à CNN Brasil. (UOL, 2021)

A SD13 segue como extensão da SD12 mantendo a imagem do professor ocioso, sem quaisquer ocupações ou preocupação com o futuro dos educandos e da educação brasileira. No discurso midiático do Uol, a formação discursiva a partir da afirmação do deputado reverbera o efeito desse "não querem trabalhar" dos professores no trecho "há uma votação no Congresso para transformar a educação em serviço essencial e reabrir todas as escolas mesmo com a pandemia da covid-19.", permite interpretar que os professores não estão trabalhando pois as escolas permaneceram fechadas e com a "votação no Congresso" essa classe trabalhadora será "coagida" a "voltar ao trabalho", a expressão "votação no Congresso" promove o efeito de sentido de que a aprovação de um decreto pelo poder legislativo seria a arma de combate – meio de coação – contra esses docentes. De tal modo, é pelos aparelhos ideológicos de Estado que "a ideologia da classe dominante é realizada e se realiza, e que se torna dominante" (PÊCHEUX, 1995, p. 145).

Desse modo, a mídia ao fazer circular essas sequências discursivas constrói uma imagem de veracidade, e demonstrada a relação de poder e imposição do aparelho ideológico, a política, através do vocábulo "Congresso". Segundo Orlandi (2005) "podemos dizer que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz" e no recorte: "os professores causem tantos danos às nossas crianças na continuidade da sua formação" é possível reconhecer essa afirmação de Orlandi, pois o sujeito enunciador, Ricardo Barros, acusa os docentes de serem responsáveis de causarem danos às crianças, aqui o substantivo masculino "danos" está, sobretudo, no sentido de "prejudicar", "estragar" e "lesar" os alunos e seu futuro, ou seja, o deputado federal transfere a reponsabilidade da formação educacional, deverdo Estado, para o professor. Esse dizer só reforça o discurso ideológico de direita do atual governo, do qual o sujeito enunciador está inserido, de desqualifica o professor brasileiro.

SD14: *"Infelizmente, o Brasil foi abduzido pelas corporações. Não tem nenhuma razão para o professor não dar aula. O profissional de saúde está indo trabalhar, o profissional do transporte está indo trabalhar, o profissional da segurança está indo trabalhar, o pessoal do comércio está indo trabalhar, só professor que não quer trabalhar", afirmou destacando que o trabalho dos docentes nas escolas pode ter alguma restrição devido à covid-19, mas os educadores "precisam trabalhar". (UOL, 2021)*

Nessa SD14, o sujeito enunciatador emprega a comparação para legitimar a formação ideológica, do professor ocioso, a partir da formação discursiva da SD12. Ao comparar o docente com outros profissionais essenciais – os da saúde, transporte, segurança e o setor do comércio – o líder do governo na Câmara dos Deputados denuncia, mais uma vez, seu posicionamento ideológico e o seu lugar discursivo de negação do trabalho dos professores durante a pandemia.

Nas SD12, SD13 e SD14 as declarações do sujeito congressista, circularam na mídia viabilizado pelo discurso midiático, operam na construção da projeção da imagem do “professor que nega o seu posto de trabalho”. Para Pêcheux (1997), a imagem é apenas um ponto de vista do sujeito, ou seja, é “um *objeto imaginário* (a saber, o ponto de vista do sujeito) e não da realidade física” (1997, p. 83).

SD15: *De acordo com Barros, 20% da capacidade do Satélite Geoestacionário de Defesa e Comunicações (SGDC), que permite a distribuição de internet, foram destinados ao setor público, no entanto, "não há demanda" porque as diretoras das escolas não pedem a conectividade por terem medo de perder o cargo para alguém que saiba mais sobre o uso da internet. (UOL, 2021)*

SD16: *"As escolas não pedem a conectividade, porque a diretora que está lá não entende de informática. Se ela pedir a conectividade, vai perder a direção para uma professora que tenha mais habilidade nessa área", declarou o líder do governo na Câmara. (UOL, 2021)*

Nas SD15e SD16 o sujeito enunciatador e o sujeito midiático promovem o discurso de que as diretoras medo de perder o cargo para alguém (professores) que saiba mais sobre o uso da internet, os efeitos de sentido gerados a partir das palavras “medo”, “perder” e “mais habilidade” proporciona no leitor a imagem de desunião e competição entre esses profissionais da educação. “As palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as

posições sustentadas por aqueles que as empregam” (PÊCHEUX, 1995, p. 160), portanto o sentido das palavras foge, desviar-se do efeito que o anunciado espera provocar.

FIGURA 03



FONTE: CNN Brasil. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/educacao-brasileira-esta-em-ultimo-lugar-em-ranking-de-competitividade/>

SD18: *Educação brasileira está em último lugar em ranking de competitividade.* (CNN BRASIL, 2021)

O enunciado da SD18 causa efeitos de sentido de uma nação perdedora, na categoria educação, a partir da metáfora. A expressão “último lugar” e “ranking” projeta em nos leitores a imagem de uma corrida, de uma competição que pode ser respalda pelo termo “competitividade”. No então ao analisar e interpreta a informações, dada posteriormente, pelo sujeito enunciador midiático compreende-se os sentidos empregados ao termo. O jogo semântico de discurso midiático, através da ambiguidade de “competitividade” exerce no termo em dois sentidos, um primeiro no sentido de uma “nação” competir com a outra seja no aspecto educacional ou não, já o segundo sentido se insere na competitividade dos profissionais no mercado de trabalho, que baixo desempenho e investimentos do Brasil na educação, forma profissionais com pouca qualificação. O discurso midiático se aproveita do uso desses artifícios para gerar projeções imaginárias nos seus interlocutores.

SD19: *No eixo que avalia a educação, o Brasil teve a pior avaliação entre as nações analisadas, alcançando a 64ª posição. Entre outros fatores, o resultado nesse quesito se explica*

pelo mau desempenho do país no que diz respeito aos gastos públicos totais em educação. (CNN BRASIL, 2021)

A SD19 continua na extensão do enunciado da notícia, e restabelece a imagem de uma nação perdedora com baixos resultados. Os termos “pior” e “mau desempenho” viabiliza e essa formação ideológica, e o discurso capitalista e neoliberal presente também na instituição que avalia, OCDE - Organização é um fórum internacional que promove políticas públicas entre os países mais ricos do planeta, isto é, que apresentam os mais elevados Índices de Desenvolvimento Humano (IDH). Ao projetar efeitos de sentido negativos quanto a educação brasileira, na expressão “respeito aos gastos públicos totais em educação”, fica evidente a ideologia capitalista neoliberal da organização que relaciona o desempenho dos países.

SD20: *No que diz respeito ao investimento em educação no Brasil, um dos problemas está na qualidade e na execução dos gastos. O país teve um baixo desempenho no Pisa, a principal avaliação internacional de desempenho escolar, ocupando a 54ª.* (CNN BRASIL, 2021)

Nessa SD20 o texto midiático da CNN Brasil reforça a imagem de um país que está mal nos indicadores mundiais, e projeta nos interlocutores a imagem e uma educação deficitária e de má qualidade, por ocupa 54º posição e a expressão “*O país teve um baixo desempenho no Pisa*”, gera efeito no leitor de que o método avaliativo, do Pisa (criação do OCDE) é o único e mais preciso para avaliar a qualidade da educação básica do Brasil. Assim, a mídia constrói a imagem de veracidade ao transmitir e difundir esta informação.

SD21: *A perspectiva é que os próximos indicadores apontem para um agravamento na qualidade da educação brasileira, devido às implicações da pandemia de Covid-19 na aprendizagem e no desenvolvimento de habilidades dos estudantes.*

Para se ter uma ideia, o período de fechamento das escolas no Brasil é maior do que nos países da OCDE, em média. Até o fim de junho deste ano, a média da OCDE era de 14 semanas, enquanto que no Brasil as escolas permaneciam fechadas há 16 semanas. (CNN BRASIL, 2021)

Na SD21 o discurso midiático tem como propósito a espetacularização da má qualidade da educação brasileira nos próximos “indicadores” e projeta no leitor a imagem de pessimismo

e de piora na aprendizagem dos estudantes, a partir das expressões “*agravamento*” e “*devido às implicações da pandemia de Covid-19*” e usa como respaldo para tal especulação a afirmativa “*o período de fechamento das escolas no Brasil é maior do que nos países da OCDE, em média*”. A partir de tal afirmação o discurso midiático constitui o sentido no interlocutor, por as escolas estarem fechada a aproximadamente “*há 16 semanas*”, que o ensino não estaria ocorrendo de maneira efetiva e assim suscitando discursos outros no qual os professores não estaria trabalhando em casa, pois os efeitos de sentido como afirma Orlandi (2006) “*resultam da relação de sujeitos simbólicos que participam do discurso, dentro de circunstâncias dadas. Os efeitos se dão porque são sujeitos dentro de certas circunstâncias e afetados pelas suas memórias discursivas*” (ORLANDI, 2006, p. 15).

CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

A pandemia de covid-19 fez emergir um novo cenário mundial e, para conter a disseminação de coronavírus, houve o fechamento de ambientes com alta circulação da população e a suspensão de atividades essenciais realizadas em coletividade. Com as escolas fechadas, os ensinamentos passaram a ser ministrados de forma remota, ou seja, os professores a partir de suas casas preparavam e lecionavam as aulas. Esta realidade, imposta pelo período pandêmico, tornou-se contexto favorável a discursos midiáticos questionadores acerca da figura do professor, numa tentativa de desqualificar o fazer docente.

Dessa forma, lembrando o problema de pesquisa apresentado, que representações simbólicas-imaginárias foram construídas pelo discurso midiático acerca dos professores(as) e da educação brasileira no período pandêmico? buscamos, por meio deste estudo, analisar representações simbólicas-imaginárias sobre a educação brasileira e os professores no período pandêmico, com vistas no discurso e em seus efeitos de sentido, produzidos a partir dos enunciados e enunciantes que nos revelam as representações sobre o fazer docente.

Assim, mediante o aporte teórico-metodológico da Análise de Discurso (AD) de linha francesa, constatamos a hipótese inicial de que as imagens projetadas pelos discursos midiáticos (tendo em vista o corpus analítico), conhecidos como bolsonaristas, acerca dos professores durante a pandemia foram de profissionais omissos, preguiçosos e sem responsabilidade com seu ofício. O discurso midiático, a partir de falas do Presidente e do líder do governo, deputado Ricardo Barros, projeta imagens negativas sobre a classe docente e assim como da educação brasileira, o discurso do governo busca produzir efeitos de sentido para desqualificar os professores, ao colocar, por exemplo, que “só o professor que não quer trabalhar” e “para eles tá bom ficarem casa”.

Diante das análises e do suporte teórico deste estudo, por meio do questionamento que norteou a pesquisa, apontam a sustentação da imagem do professor pela formação discursiva capitalista neoliberal e dos discursos de direita, proferidos por representantes do atual governo. É salutar enfatizarmos que as análises também apontam a significação da educação básica, no país, como “inerte”, “fraca” e sem os devidos incentivos financeiros necessários.

Assim ratificamos que os sentidos atribuídos aos professores e professoras no período pandêmico, foram projetados de maneira negativa mediante enunciados pejorativos que os elevam à condição de sujeitos preguiçosos e de que são agenciadores de má fé. Dessa forma, os enunciados “fique em casa” se metaforizam ao equivalente “tô ganhando no mole”. Pois os enunciados projetados do professor, durante a pandemia, foi o daquele profissional que não trabalha

ou finge trabalhar, mas ainda sim recebe pelos serviços prestados.

É importante entender que a imagem dos professores(as) e da educação brasileira vem sendo construída social e historicamente ao longo de décadas, pelos próprios brasileiros e por discursos outros que circulam em todas as esferas sociais e que ganha respaldo de veracidade através da mídia.

Na pandemia de covid-19, mais um momento sócio-histórico, a imagem do professor diante do novo cenário passou por mais uma atribuição e recebeu o status de “preguiçoso”, o de não está ou não querer trabalhar e de “inimigo” do processo educacional. Logo, esses profissionais que dedicaram a vida para contribuir com sociedade foram criticados e difamados por resguardarem suas vidas contra o vírus mortal da covid-19 e ainda assim exerce sua profissão em um formato remoto, (algo novo para todos) e com rotinas exaustivas, pois a escola passou a ser na casa dos docentes e o que era um lugar pessoal se tornou um espaço social, uma nova realidade conturbada e vivenciada por boa parte dos professores.

É preciso (re)afirmar que mídia sustenta uma cultura do espetáculo (Keller, 2004), os enunciados que circulam têm o intuito de chamar a atenção do leitor e provocar interesse no conteúdo ali noticiado, ou seja, gerar impacto no leitor, pois “na sociedade do espetáculo os textos produzem, em novas figuras, a repetição de velhos discursos [...]” (GREGOLIN, 2003, p. 107).

Torna-se elementar dizer que as representações projetadas sobre o professor só reforçam a vontade de combater os discursos de ataque, de ódio e terror propagados pelos neoliberais, como discursos hegemônicos. A imagem professoral foi lesada de forma grotesca, por aqueles que desconhecem o labor dos operários e operárias que fazem a educação acontecer no país, diante da pouca importância que o estado neoliberal dispensa à educação. Com investimentos cada vez menores ao ensino, pesquisa e extensão, conforme comprovam os dados estatísticos, não trabalhados por esta pesquisa, já que este não é o foco, propagados pelos sérios noticiários, o professor e a professora se configuram como o sustentáculo que sobrevive frente aos desmandos hegemônicos. Resistência. Este é a tônica professoral enunciativa de quem faz muito com pouco.

Entendemos, que esta pesquisa é apenas um passo inicial para compreendermos as representações simbólicas-imaginárias acerca do(a) professor(a), assim como da educação brasileira em tempos pandêmicos. Portanto, essas considerações só têm efeito de fechamento, não findam por aqui, visto a possibilidade de futuras pesquisas do quão amplo e complexo são as representações do discurso midiático.

REFERÊNCIAS

- ALESSI, S. M.; SOARES, M. S.; PEREIRA, C.; MARTINEZ, M. M. C.; MARCH, C. A. crise sanitária aliada às consequências da pandemia pela Covid-19 no contexto da crise do capital. **Universidade e Sociedade**, n. 67, p. 08-21, 2021. Disponível em: https://www.andes.org.br/img/midias/0e74d85d3ea4a065b283db72641d4ada_1609774477.pdf. Acesso em: 13 jun. 2022
- AMARAL, M. V. B. **Análise do Discurso: Língua, história e Ideologia**. Leitura – Análise do Discurso, n. 23: 25-46, 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação. Gabinete do Ministro. Portaria nº 343, de 17 de março de 2020 que dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 53, p. 39, 18 mar. 2020a. Disponível em: D.O.U de 18/03/2020, pag. nº 39. Acesso em: 29. mai. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. Gabinete do Ministro. Portaria nº 345, de 19 de março de 2020. Portaria nº 345, de 19 de março de 2020, que altera a Portaria MEC nº 343, de 17 de março de 2020 **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, extra, n. 54-D, p. 1, 19 mar. 2020b. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=19/03/2020&jornal=603&pagina=1> Acesso em: 29. mai. 2021.
- BONÁCIO, Daiany. **Discurso, mídia e identidade masculina: quem é esse "novo" homem**. Maringá, 2009. 158 f. Dissertação (mestrado)- Universidade Federal de Maringá, Paraná. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp105551.pdf> Acesso em: 09 jul. 2022.
- CAVALCANTE, Maria do Socorro Aguiar Oliveira; LIMA, José Edson Ferreira. O trabalho docente no discurso midiático: sentidos que retornam. **Debates em Educação**, Maceió, v. 12, n. 28, p. 365-382, Set./Dez. 2020. ISSN 2175-6600. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/9868>. Acesso em: 29 set. 2021.
- CHAUÍ, M. **O que é ideologia**. 2. Edição. Revisada e ampliada, 2001. 9º reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- CANAL, JAIR B. Live da semana com Presidente Jair Bolsonaro - 17/09/2020. **YouTube**. 2020. vídeo (40:02). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JsIdVBSushc&t=1142s> Acesso em: 24 jun. 2021.
- CNN BRASIL. Não, há intenção do governo em furar teto de gastos", diz Ricardo Barros. **NOVO DIA**. **YouTube**. 2021. vídeo (27:48). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RvNya-CrmUw&t=389s> Acesso em: 24 jun. 2021.
- DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.
- DIRCEU, Z. **Cada dia fica mais evidente que Bolsonaro é inimigo da educação. Quem não quer trabalhar é Bolsonaro**. Parana, 18 de setembro de 2020. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/deputadofederalzecedirceu/videos/bolsonaro-ataca-professores/387654198895580/>. Acesso em: 24 jun. 2021.
- FERNANDES, C. A. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FERREIRA, M. C. L. ANÁLISE DO DISCURSO E SUAS INTERFACES: o lugar do sujeito na trama do discurso. **Organon**, Porto Alegre, v. 24, n. 48, 2010. DOI: 10.22456/2238-8915.28636. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/28636>. Acesso em: 16 jun. 2022

FILHO, F. F. P. Apontamentos teórico-metodológicos para a análise de discurso de materiais jornalísticos. **Comunicação & Inovação**. São Caetano do Sul, v. 14, n. 27, p. 54-62, jul-dez 2013.

FISCHER, R. M. B. Problematizações sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em Educação. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n. 20, p. 83-94, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/yNCNNksBw7sy5X8DvwQS9Bd/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 16 jun. 2022

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4070132/mod_resource/content/1/FOUCAULT.pdf

GALVÃO, M. C. B.; RICARTE, I. L. M. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. **Logeion: filosofia da informação**, v. 6, n. 1, p. 57-73, 2019. Disponível em: <http://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4835/4187> Acesso em: 22 out. 2021.

GREGOLIN, Maria do R. V. **Análise do discurso: conceitos e aplicações**. Alfa, São Paulo, 39:13-21, 1995.

GREGOLIN, Maria do R. V. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Mídia, Comunicação e Consumo**. São Paulo, Vol. 4. N. 11. p. 11- 25, nov. 2007. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/105/106>. Acesso em: 20 jun. 2021.

GREGOLIN, Maria do R. V. Análise do discurso: lugar de enfrentamentos teóricos. In: FERNANDES, C. A.; SANTOS, J. B. (Org.). **Teorias linguísticas: problemáticas contemporâneas**. Uberlândia: EDUFU, 2003, p. 21-34

GREGOLIN, Maria do R. V. **Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003.

HENRY, Paul. **Os fundamentos teóricos da “Análise Automática do Discurso” de Michel Pêcheux (1969)**. IN: Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3ª edição. Campinas-SP: Ed. da Unicamp, 1997. p. 13-38

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia e o Triunfo do Espetáculo**. Líbero- Ano VI – Vol. 6, n.11, p. 4-11, 2004. Disponível em: <https://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/35932881-a-cultura-da-midia-e-o-triunfo-do-espetaculo.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2021.

MAIA, Marta C. **O uso da tecnologia de informação para a educação a distância no ensino superior**. 2003. Tese (Doutorado em Administração de Empresas) – Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2009.

MAIA, R; HERÉDIA, T; COELHO, L. Educação brasileira está em último lugar em ranking de competitividade. **CNN Brasil**. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/educacao-brasileira-esta-em-ultimo-lugar-em-ranking-de-competitividade/>. Acesso em: 20 jul. 2021.

MALDIDIER, Denise. Elementos para uma história da análise do discurso na França. In: ORLANDI, E. P. (org.). **Gestos de leitura: da história do discurso**. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010. p. 17- 30.

MENEZES, K. M. G.; MARTILIS, L. F. de S.; MENDES, V. P. S. Os impactos do ensino remoto para a saúde mental do trabalhador docente em tempos de pandemia. **Universidade e Sociedade** (BRASÍLIA), v. 67, p. 50-61. 2021.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Gabinete do Ministro. Portaria nº 345, de 19 de março de 2020. Portaria nº 345, de 19 de março de 2020, que altera a Portaria MEC nº 343, de 17 de março de 2020 **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, extra, n. 54-D, p. 1, 19 mar. 2020b. Disponível em:

<https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=19/03/2020&jornal=603&pagina=1> Acesso em: 29. mai. 2021.

NINJA, M. **Bolsonaro, respeite os professores!** São Paulo, 19 setembro de 2020. Facebook. Disponível em:

https://m.facebook.com/MidiaNINJA/posts/1988339854657483?_se_imp=0unDp0xFvudUKd bjp. Acesso em: 24 jun. 2021.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni P. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 5ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e Textualidade**. Campinas: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, M. Análise Automática Do Discurso (AAD-69) In.: GADET, F. e HAK, T. **Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3ª ed. Campinas-SP: Ed. da Unicamp, 1997. p. 61-161

PÊCHEUX, M. & FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In.: GADET, F. e HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3ª ed. Campinas-SP: Ed. da Unicamp, 1997. p. 163 - 252

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. por Eni Puccinelli Orlandi [et al.] 2 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995

PEREIRA, A. de J.; NARDUCHI, F.; MIRANDA, M. G. de. Biopolítica e Educação: Os Impactos da Pandemia de Covid-19 nas Escolas Públicas. **Rev. Augustus**, ISSN: 1981-1896, Rio de Janeiro, v. 2, n. 51, p. 219-236, jul./out. 2020. Disponível em: <https://revistas.unisuam.edu.br/index.php/revistaaugustus/article/view/554/299>. Acesso em: 13 mai. 2022

ROCHA, L. Bolsonaro ataca professores e diz que eles não querem trabalhar.

Revista Fórum. 2020. Disponível em:

<https://revistaforum.com.br/politica/2020/9/17/bolsonaro-ataca-professores-diz-que-eles-no-querem-trabalhar-82727.html>. Acesso em: 24 jun. 2021

SANTOS, Samuel. **O discurso midiático acerca da qualidade da educação básica brasileira**. 2018. 114 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2018. Disponível em: <http://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/8192>. Acesso em: 11 jun. 2021.

SAVIANI, Dermeval; GALVÃO, Ana Carolina. Educação na pandemia: a falácia do “ensino” remoto. **Universidade e Sociedade** (BRASÍLIA), v. 67, p. 36-49. 2021.

SILVA, Jonathan Chasko; ARAUJO, Alcemar Dionet. Metodologia de pesquisa em análise do discurso. **Grau Zero – Revista de Crítica Cultural**, (online), v.5, n.1. (2017). Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/grauzero/article/view/3492>. Acesso em: 16 jun. 2021.

SILVA, Leonardo Gueiros. **Os Ecos Do Silêncio No Discurso Midiático: Quando A Língua É.** Universidade Federal de Pernambuco, 26 Fev. 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/13266>. Acesso em: 24 ago. 2021.

SOBRINHO, H. F da S. **AAD-69: Uma Referência Incontornável.** Línguas e Instrumentos linguísticos – Nº 44 – jul-dez 2019. p. 335-347. Disponível em: <http://www.revistalinguas.com/edicao44/resenha.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2021

'SÓ O PROFESSOR NÃO QUER TRABALHAR NA PANDEMIA', DIZ RICARDO BARROS. **UOI-Educação.** 2021. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2021/04/20/ricardo-barros-governo-critica-professores.htm> Acesso em: 24 jun. 2021.

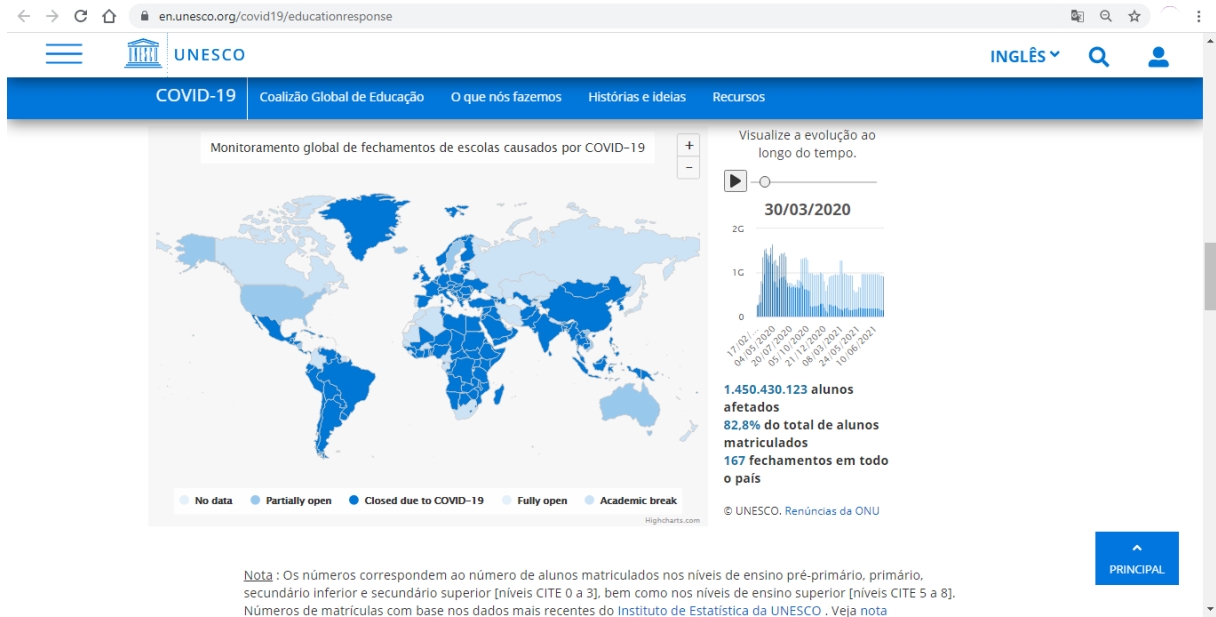
TFOUNI, F. E. V.; GRIGOLETTO, E. Identificação no Discurso Sobre Donald Trump: Análise do Funcionamento de Capas das Revistas Exame e Istoé. **Fórum Linguístico.** Vol. 17, Nº. 2, 2020, págs. 4815-4830

UNESCO (2021). **Educação: da interrupção à recuperação.** Disponível em: <https://en.unesco.org/covid19/educationresponse>. Acesso em: 11 jun. 2021.

UZÊDA, A.; RODRIGUES, J. São os únicos servidores públicos que não estão trabalhando”, diz Bruno Reis sobre professores. **Metro1.** 2021. Disponível em: <https://www.metro1.com.br/noticias/cidade/106386,sao-os-unicos-servidores-publicos-que-nao-estao-trabalhando-diz-bruno-reis-sobre-professores>. Acesso em: 24 jun. 2022

ANEXOS

Anexo 01 – Monitoramento Global de fechamento de escolas causados por Covid-19 (UNESCO, 2021)



Anexo 02:**Notícia 01: Bolsonaro ataca professores e diz que eles não querem trabalhar**

"Para eles tá bom ficar em casa", disse o presidente, que ainda afirmou que os sindicatos de "quase todo" o Brasil são de "esquerda radical"

O presidente Jair Bolsonaro atacou professores durante live presidencial realizada nesta quinta-feira (17) ao lado do presidente da Caixa Econômica Federal, Pedro Guimarães. O ex-capitão defendeu o retorno às aulas e criticou sindicatos.

"Hoje mandei uma mensagem pro ministro Milton para se preparar e começar a orientar, já que a decisão é de governadores e prefeitos, para que se volte às aulas no Brasil. É inadmissível, perdemos o ano letivo", disse o ex-capitão, repetindo uma declaração na quarta-feira em que afirma que o Brasil é o país que teve o maior lock-down em escolas.

Na sequência, ele emendou em um ataque aos professores, que estão tendo que se desdobrar para lidar com o ensino remoto durante a pandemia. Segundo o presidente, os sindicatos de educadores são de "esquerda radical" e defendem o "Fica em Casa" para trabalhar menos e não pelo risco de contágio que a aglomeração nas escolas representa.

"Ficam ouvindo sindicato de professores. Pessoal deve saber como que é composto a ideologia dos sindicatos dos professores pelo Brasil quase todo. É um pessoal de esquerda radical. Para eles tá bom ficar em casa, por dois motivos: primeiro eles ficam em casa e não trabalham, por outro colabora que a garotada não aprenda mais coisas, não volte a se instruir", declarou.

Anexo 03:

Notícia 01: 'Só o professor não quer trabalhar na pandemia', diz Ricardo Barros. Publicada no site Uol, no dia 20 de abril de 2021.

O deputado federal Ricardo Barros (Progressistas), líder do governo na Câmara dos Deputados, criticou hoje a classe de professores ao afirmar que os docentes "não querem trabalhar" e explicou que, neste momento, há uma votação no Congresso para transformar a educação em serviço essencial e reabrir todas as escolas mesmo com a pandemia da covid-19.

"É absurdo a forma como estamos permitindo que os professores causem tantos danos às nossas crianças na continuidade da sua formação. O professor não quer se modernizar, não quer se atualizar. Já passou no concurso, está esperando se aposentar, não quer aprender mais nada", disse Barros em entrevista à CNN Brasil.

O parlamentar explicou que alguns estados já reabriram as escolas públicas e particulares, e os professores voltaram a dar às aulas, portanto, não tem motivação para todos docentes não voltarem a ministrar as disciplinas.

"Infelizmente, o Brasil foi abduzido pelas corporações. Não tem nenhuma razão para o professor não dar aula. O profissional de saúde está indo trabalhar, o profissional do transporte está indo trabalhar, o profissional da segurança está indo trabalhar, o pessoal do comércio está indo trabalhar, só professor que não quer trabalhar", afirmou destacando que o trabalho dos docentes nas escolas pode ter alguma restrição devido à covid-19, mas os educadores "precisam trabalhar".

De acordo com Barros, 20% da capacidade do Satélite Geoestacionário de Defesa e Comunicações (SGDC), que permite a distribuição de internet, foram destinados ao setor público, no entanto, "não há demanda" porque as diretoras das escolas não pedem a conectividade por terem medo de perder o cargo para alguém que saiba mais sobre o uso da internet.

"As escolas não pedem a conectividade, porque a diretora que está lá não entende de informática. Se ela pedir a conectividade, vai perder a direção para uma professora que tenha mais habilidade nessa área", declarou o líder do governo na Câmara.

Anexo 04:**Educação brasileira está em último lugar em ranking de competitividade**

Enquanto a economia do país apresentou melhora, setor educacional apresenta resultados negativos

Um estudo elaborado pelo IMD World Competitiveness Center comparou a prosperidade e a competitividade de 64 nações, em uma pesquisa que analisou como está o ambiente econômico e social do país para gerar inovação e se destacar no cenário global.

No geral, o Brasil caiu uma posição em relação a 2019, após quatro anos seguidos de avanços – de acordo com a entidade, isso aconteceu por conta da entrada de um país a mais na lista deste ano (a africana Botsuana, em 61ª).

No eixo que avalia a educação, o Brasil teve a pior avaliação entre as nações analisadas, alcançando a 64ª posição. Entre outros fatores, o resultado nesse quesito se explica pelo mau desempenho do país no que diz respeito aos gastos público totais em educação. Segundo a pesquisa, quando avaliado em termos per capita, o mundo investe em média US\$ 6.873 (cerca de R\$ 34,5 mil) por estudante anualmente, enquanto o Brasil aplica apenas US\$ 2.110 (R\$ 10,6 aproximadamente).

Apesar desse resultado, o Brasil não investe pouco em educação, ao menos não no que diz respeito ao Produto Interno Bruto (PIB). Um estudo da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) aponta que o país investiu uma média de 5,6% do seu PIB na área de educação, uma porcentagem acima da média de 4,4% das nações da OCDE.

No que diz respeito ao investimento em educação no Brasil, um dos problemas está na qualidade e na execução dos gastos. O país teve um baixo desempenho no Pisa, a principal avaliação internacional de desempenho escolar, ocupando a 54ª

Falta de avanços

Apesar de não registrar queda nos demais critérios avaliados pelo IMD World Competitiveness Center, o Brasil também não contabilizou avanços. Além de perder em qualidade, o país também peca na universalização da educação. Na taxa de matrículas no ensino médio, o resultado foi 23,8% abaixo do índice mundial. Da mesma forma, a proporção de acesso ao ensino superior de pessoas entre 25 e 34 anos é 22,2% menor quando comparada com o índice mundial.

A perspectiva é que os próximos indicadores apontem para um agravamento na qualidade da educação brasileira, devido às implicações da pandemia de Covid-19 na aprendizagem e no desenvolvimento de habilidades dos estudantes.

Para se ter uma ideia, o período de fechamento das escolas no Brasil é maior do que nos países da OCDE, em média. Até o fim de junho deste ano, a média da OCDE era de 14 semanas, enquanto que no Brasil as escolas permaneciam fechadas há 16 semanas.

O baixo desempenho do Brasil na educação implica ainda em uma baixa qualificação dos profissionais no mercado de trabalho. No estudo do IMD World Competitiveness Center, o país é o 63º colocado em relação à relevância da educação primária e secundária para as exigências do sistema produtivo.

A adequação das habilidades linguísticas dos trabalhadores às necessidades das empresas também é insuficiente, fazendo com que o Brasil ocupe a 63ª posição.

Esse cenário aponta para a falta de políticas públicas de educação que proporcionem a formação de habilidades e capacidades relevantes para o mercado de trabalho. O relatório também destaca a importância de estratégias que garantam a compatibilidade entre oferta e demanda, evitando que o conhecimento e a formação educacional da população se tornem obsoletos.